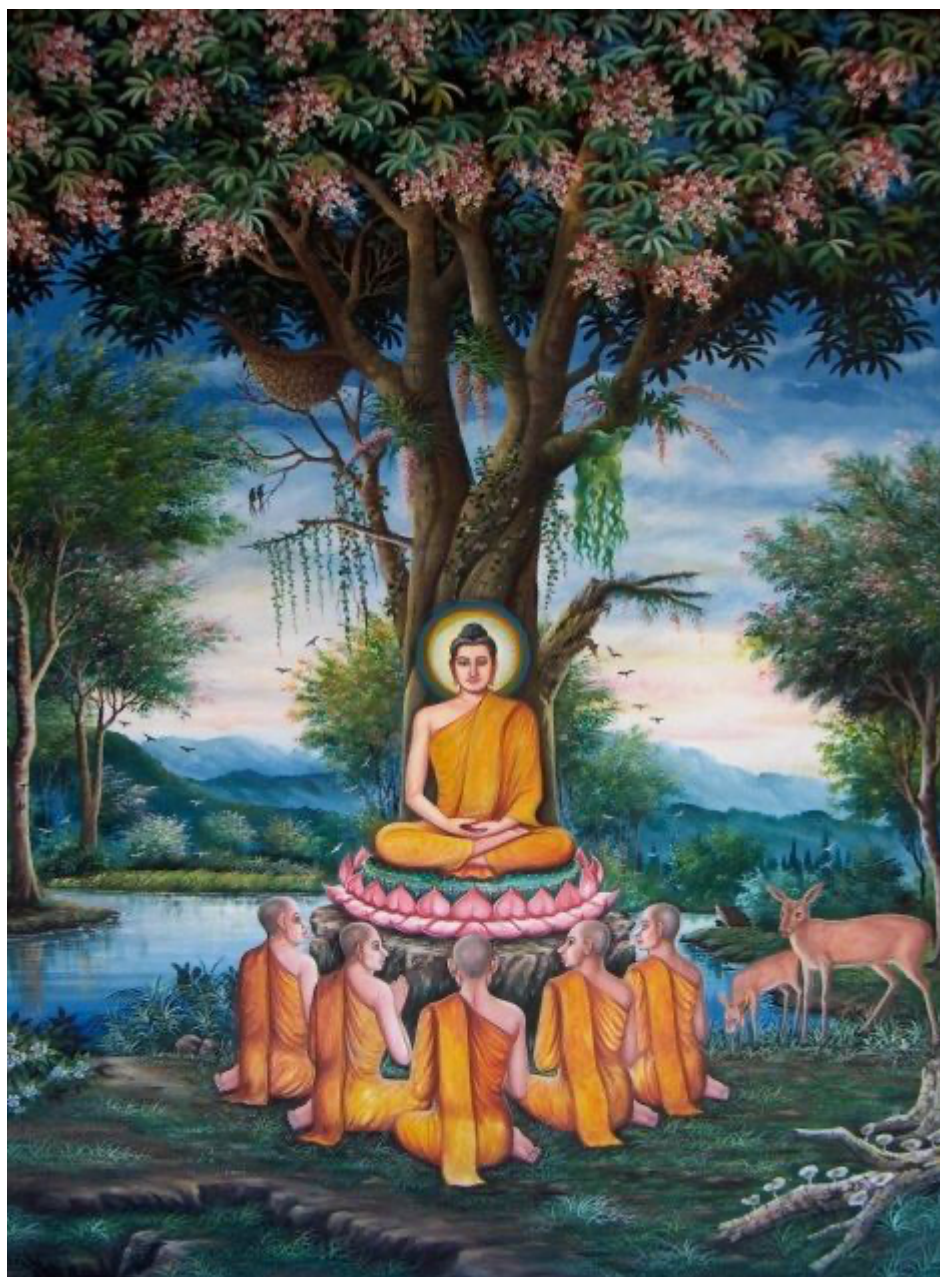




# *O Buda e seus Ensinos*



*[kalu.org.br](http://kalu.org.br)*



## **Refúgio**

*Há 2.500 anos, nasceu sob uma árvore em flor em um bosque em Lumbini, no sopé dos Himalaias, o príncipe Sidharta, filho do rei Sudohana e da rainha Mahamaya. Seus pais deram a ele uma educação primorosa em Artes, Filosofia, Línguas e Matemática. No palácio da família, viveu sempre cercado de muito luxo e riqueza, embora isso lhe causasse desconforto.*

*Desde a primeira infância, percebeu o sofrimento dos seres. Conta-se que, aos sete anos, viu um lindo pássaro alimentando-se de pequenas larvas que eram removidas da terra enquanto um homem a arava e ficou inconformado com o sofrimento dos pequenos seres. Em várias outras ocasiões, teve oportunidade de perceber o sofrimento dos seres.*

*Continuou sua vida de príncipe, de acordo com as tradições da família, e assim casou-se e foi pai de Rahula.*

*Um dia, aos 29 anos, decidiu deixar a vida no palácio, onde não poderia encontrar o fim do sofrimento para todos os seres. Seguiu assim para uma jornada espiritual que durou seis anos. Teve dois grandes mestres de meditação e depois seguiu para Gaya, na Índia, para fazer a meditação que o conduziu ao Despertar, ou seja, o Conhecimento Superior do modo de funcionamento da mente. A partir desse momento, foi chamado de **Buda**, o Desperto do sono da ignorância.*

*Assim, aos 35 anos e atendendo a pedidos, passou a ensinar o que havia descoberto, disseminando uma nova visão de mundo, uma nova visão de nossa experiência. Ele seguiu assim até os 80 anos, quando partiu desta vida humana.*

*Seus ensinamentos, o **Dharma**, perduram até hoje através de uma linhagem ininterrupta de mestres, a **Sangha**.*

*Os textos que selecionamos resumem o essencial do Ensino do Buda: a preciosidade de uma vida humana virtuosa; a contemplação da impermanência e da lei de causa e fruto, ou karma; o treinamento da mente para o amor e a compaixão; a estabilidade da mente, que nos traz a lucidez e o discernimento. Convido a todos para que leiam, reflitam e meditem sobre esses pontos essenciais e que eles sejam inspiradores para o aprofundamento dos estudos e práticas do Dharma.*

*Nossa aspiração é que aqueles que entrem em contato com essas histórias, contadas pelo próprio Buda e que fazem parte de seu cânone principal, inspirem-se para uma vida mais ética, com mais generosidade, paciência e perseverança alegre no treino da virtude, para assim criarmos as causas e condições de uma sociedade onde a prática da equanimidade, do amor e da compaixão seja realidade para todos que habitam em todos os mundos.*

*“Possam todos os seres possuir a felicidade e as causas da felicidade!  
Possam eles se livrar do sofrimento e das causas do sofrimento!  
Possam eles nunca se separar da sagrada felicidade!  
Possam eles residir na grande equanimidade, imparcial e livre de apego e aversão!”*

*Com todos os meus melhores votos de felicidade plena para todos,  
Lama Pelmo*

## Sumário dos textos selecionados do *Tripitaka*, a coleção de textos sagrados do Dharma:

01_ Os três encontros. ....	página 3
02_ O Bodhisatva e o Dharmâgata. ....	página 5
03_ Uma semente é suficiente para produzir uma grande árvore. ....	página 8
04_ O abatedor de carneiros. ....	página 9
05_ A predição do Buda Dipankara: O Sutra de Mânava. ....	página 10
06_ Os cavalos que giram a pedra de moinho. ....	página 13
07_ O Buda e o pobre chefe de família (Sutra do discurso dirigido pelo Buda ao chefe de família). ....	página 14
08_ O rei caçador de cervos e a corça. ....	página 16
09_ A raposa, a lontra, o macaco, a lebre e o religioso. ....	página 18
10_ O homem rico, o rato e o mendigo. ....	página 19
11_ O jovem homem que serviu de lamparina para o Buda ....	página 21
12_ O brâmane que suporta as afrontas. ....	página 23
13_ O Bodhisatva crava uma agulha. ....	página 26
14_ O boi marrom com os chifres curvos. ....	página 28
15_ O fruto bilva. ....	página 30
16_ O rei Adarçamuka, os cegos e o elefante. ....	página 31
17_ O rei que fez a volta na stupa. ....	página 33
18_ O rei passarinho. ....	página 34
19_ O médico que curou o rei deveria possuir tudo o que ele encontrasse. ....	página 35
20_ O Bodhisatva e a tigresa. ....	página 37
21_ O leão, o tigre e o chacal. ....	página 39
22_ O brâmane que deixou de cuidar da sua vaca por um mês. ....	página 41
23_ O tesouro escondido e a serpente venenosa. ....	página 42
24_ À procura das pérolas. ....	página 43
25_ Os mercadores que mataram o seu guia para oferecer sacrifício a divindade. ..	página 44
26_ O navegador ignorante. ....	página 45
27_ O elefante que imita os bons e os maus exemplos. ....	página 46
28_ Respeito aos mais velhos. ....	página 48
29_ A jarra inesgotável. ....	página 49
30_ O homem no poço. ....	página 50



## **Conto Budista nº 01**

### **Os três encontros**

*(Trip. VI, 5, p. 80 a 82)*

O príncipe herdeiro, Sidharta, tendo saído para caminhar, o rei deu uma ordem para que, em todo o reino não se deixasse algo impuro em toda a estrada real.

Quando o príncipe saiu da cidade, o deva soberano Devendra transformou-se em um velho que se colocou diante da carruagem do príncipe, seus cabelos eram brancos, seus costas curvadas e apoiando-se com um bastão avançou com passos curtos, e o príncipe então perguntou :

– O que é esse homem?

Seu cocheiro respondeu:

– É um velho.

E como o príncipe perguntou o que era um velho, ele acrescentou:

– Quando se é um velho, o pavio que nos liga aos quatro elementos chegou à maturidade – e o que resta de vida é quase nada.

O príncipe herdeiro disse:

– Mais tarde, eu também irei envelhecer?

O cocheiro respondeu:

– A velhice sempre existiu, não há um só sábio que pode evitá-la.

O príncipe disse:

– Pensei que, quando uma pessoa é nobre e educada com dignidade, ela está a salvo do que acontece com os outros homens. Mas se ninguém pode evitar a velhice, qual a utilidade da glória?

Retornando ao seu palácio, pensou no que ele havia visto, e ao se concentrar em seus pensamentos, entrou em estado de contemplação. O rei perguntou então a um funcionário de sua corte:

– Quando o príncipe herdeiro saiu do palácio, ele viu coisas agradáveis no reino?

O funcionário respondeu:

– No caminho, ele viu uma pessoa velha, refletiu sobre a impermanência desse mundo e seu coração não ficou alegre.

Temendo que seu filho abandonasse o trono, o rei multiplicou em torno dele artistas para distraí-lo com espetáculos brilhantes e músicas de todos os tipos de melodias. Ele desejava, dessa forma, fazê-lo desistir de seguir uma vida religiosa.

Mais tarde, o príncipe saiu novamente para caminhar. O rei deu ordens severas para que nenhum velho fosse encontrado à beira do caminho. O deva soberano, que já havia feito uma intervenção antes, transformou-se em um doente, com o corpo esgotado, de respiração fraca, tão magro que só tinha a pele sobre os ossos e as feridas cobriam seu corpo. Ele se apoiou à porta da cidade e ali ficou.

Ao passar por ele, o príncipe perguntou:

– O que é esse homem?

– É um homem doente – responderam.

Como ele continuou a perguntar o que era um doente, responderam:

– Quando um homem come e bebe sem moderação, quando se deita e se levanta sem regularidade, ele pega uma doença. Depois disso, pode se curar ou morrer.

O príncipe perguntou:

– Eu também como e bebo sem moderação, me deito e me levanto sem regularidade. Também vou ficar doente?

Responderam:

– Toda pessoa que tem um corpo fica doente. É impossível escapar desse infortúnio.

O príncipe disse:

– Se é impossível escapar desse infortúnio, então é isso que me tornarei mais tarde.

Retornando ao palácio, pensou no que ele havia visto e, pela concentração de seu pensamento, entrou em estado de contemplação.

Mais tarde o príncipe saiu novamente do palácio. Ao passar perto de uma fazenda nos campos do rei, sentou sob uma árvore e passou a observar os lavradores. À medida que eles revolviam a terra com o arado, minhocas e outros vermes apareciam – uns feridos, outros mortos – e os pássaros que voavam ali perto desciam em voos rasantes, os pegavam e os devoravam.

Seu coração se afligiu, e num grande suspiro disse:

- Ai de mim! Todos os seres vivos são incessantemente atormentados, seus sofrimentos são difíceis de suportar. Eu fico triste pensando nisso.

Concentrando então seu pensamento, entrou em estado contemplativo. Nesse momento, o Sol saiu com todo seu ardor e brilhou sobre o corpo do príncipe. A árvore, por causa disso, baixou seus galhos para impedir que o sol queimasse o corpo de Sidharta. O rei, que estava à procura do filho, viu de longe o movimento da árvore – um verdadeiro milagre que foi a prova da virtude santa inigualável do príncipe.

Dividido entre a aflição e a alegria, e mesmo sem perceber, o rei prosternou-se e louvou o filho. O príncipe, por sua vez, também se prosternou. O rei então retornou ao seu palácio e o príncipe herdeiro concentrou seu pensamento para entrar em estado de contemplação. Essa é a maneira pela qual o Bodhisatva concentra seu coração em estado contemplativo.



**Conto Budista nº 02**  
**O Bodhisatva e o Dharmâgata**

(Trip. VI, 5, p. 83 rº- 84 vº.)

O Bem-Aventurado nos fala neste conto sobre si mesmo.

"No tempo em que eu era um Bodhisatva, meu nome era "Sempre aflito"(Tcha'ang-pei). O Bodhisatva "Sempre aflito" constantemente derramava lágrimas enquanto caminhava; nesta época não havia o Buda; as regras dos livros santos haviam sido totalmente abolidas, não se via mais as comunidades de sábios e santos sramanas. O Bodhisatva almejava incessantemente ver o Buda e escutar as maravilhosas injunções dos livros santos. As pessoas desta época eram maculadas; elas viravam as costas àquilo que era correto e iam ao encontro das heresias; enganadores e ávidos de ganhos, eles eram como borboletas que são seduzidas pela chama das paixões; os quatro tipos de benefícios e as seis paramitas são o abrigo de paz perpétua; mas estas pessoas haviam perdido a Doutrina do Buda; eles iam em direção aos perigos de outras doutrinas e assim causavam sua própria ruína. Eis aí porque o Bodhisatva estava atormentado e afligia-se enquanto caminhava.

Em tempos mais remotos, houve um Buda cujo nome era "O Soberano Tathagata da Luminosa Lei e Sem Mácula", seu Nirvana havia sido há muito tempo, os ensinamentos de seus livros santos já haviam totalmente desaparecido; o Bodhisatva "Sempre aflito" viu em um sonho o Buda que lhe explicou a Lei e lhe disse: "Abstenha-te de ter a conduta dos homens orgulhosos e sábios; afaste a mácula das afecções do coração, não coloque sobre si as impurezas e os sofrimentos dos seis sentidos; não permita que as diversas paixões, ainda que não sejam maiores que um pêlo ou um fio de cabelo, encontrar refúgio em vosso coração; quando todos os vossos pensamentos estiverem tranquilos e apagados, vós tereis atingido o estado de não composição (asamskrita)".

Quando o Bodhisatva ouviu o Buda lhe expor esta Lei, ele sentiu-se como um faminto à quem se dá um boa alimentação e sua alegria foi sem limites, as máculas de seu coração desapareceram, ele entrou em estado de contemplação calma; depois abandonou sua família, deixou sua mulher e seus filhos e penetrou nas profundezas da montanha para ficar durante seu retiro; ele alimentava-se de água e de frutos da montanha. Enquanto ele estava nesta montanha, ele levava a mão ao coração e dizia em crise de tristeza: "Eu não tive sorte ao nascer: não nasci numa época onde havia um Buda no mundo, eu não ouvi os livros santos do Buda. Os Grandes Honoráveis do mundo, perfeitamente verdadeiros, que estão presentes nas seis regiões, vós cujo olhar é profundo e a audição é penetrante, vós que sabeis todas as coisas, vós que projetais uma intensa luminosidade, cujo brilho atinge todos os seres; eu desejo que vós manifesteis vossa maravilhosa força sobrenatural, fazendo com que se eu veja o Buda, que eu possa ouvi-lo discorrer sobre o que há de mais interessante na grande Lei." Logo em seguida que sua voz suplicante ter cessado (de se fazer ouvir), uma divindade desceu do céu e lhe disse: "Ó homen sábio à este ponto, não lamenteis. O Buda tem uma grande Lei cujo nome é: a ciência das sábias paramitas. Todos os Budas do passado, do presente e do futuro assim se tornaram graças a ela. Tenha o cuidado de procurá-la, de guardá-la, de saber seu sentido e de colocá-la em prática, aí então vós tereis certamente os quatro motivos de não mais temer (vaiçaradyas), os dez tipos de forças (daçabala), vossa nuca terá um brilho ilimitado:



na doutrina dos livros santos das dez regiões vós sereis um mestre sábio, vós sereis respeitado entre todos os sábios reunidos; vós sereis um mestre dos devas e dos homens, os Arhats e os Budas não terão tido tais qualidades.

O Bodhisatva "Sempre aflito", levantou os olhos e respondeu: "De quem ouvirei esta Venerável Lei? Por que meio? E indo a que região? Este mestre como se chama?" O personagem celeste lhe respondeu: "Parta daqui e dirija-se ao leste. Não almeje com formas, nem com os sofrimentos, nem com as características, nem aos atos, nem aos conhecimentos: não almeje nem

à dor, nem à alegria, nem ao bem, nem ao mal, nem aos ouvidos, aos olhos, ao nariz, à boca, ao corpo, ao pensamento, nem ao "meu", nem a outrem, nem a evolução do passado, nem às coisas que virão; não almeje nem a terra, nem a água, nem ao fogo, nem, ao vento, nem ao vazio, nem ao azul, nem ao amarelo, ao preto ou branco e de uma maneira geral à todas as cores, nem à avidez, nem à luxúria, nem à cólera, nem à estupidez, nem ao desejo, nem aos homens, nem as mulheres, nem aos parentes de nove graus, nem à esquerda, nem à direita, nem em frente, nem atrás, nem alto, nem baixo, nem ao lento, nem ao súbito; não intencione, nem que haja um Buda, nem que não há um Buda, nem que há uma doutrina de livros sagrados, nem que existem santos, esvazie o vosso espírito, suprima em vós todo o desejo, que vosso coração firme não se desvie de minhas intruções e logo vós vereis a Santa Lei das sábias paramitas.

O Bodhisatva "Sempre aflito" elevou a cabeça e disse: "Com respeito, eu aceito e do início ao fim, eu me absterei de tudo isto." O personagem celeste lhe repetiu ainda, para observar com energia estas prescrições, e depois quando ele terminou de falar, ele desapareceu súbitamente.

O Bodhisatva tendo recebido as instruções, retificou seu coração e acalmou seu pensamento, depois dirigiu-se para o Leste à procura do Buda. Ao fim de alguns dias, ele parou e meditando profundamente, disse à si mesmo: "Minhas existências anteriores me valeram pouco em felicidade, na minha vida eu não encontrei o Buda e não há sramanas no mundo; príncipes e pessoas comuns tem a mente perturbada e nenhum deles conhece o Buda. Este venerável mestre que compreende as paramitas e que dissipa as obscuridades, à que distancia está daqui?" Como ele ainda não havia visto, seu coração concebeu uma violenta aflição e ele caminhava lamentando-se; a perfeição de sua sinceridade emocionou todos os Budas: do alto um Buda veio em vôo e apresentou-se frente à ele, seu corpo tinha a cor de ouro vermelho; as marcas distintivas primárias e secundárias sinalizaram sua extraordinária santidade; sua face era como a lua cheia; sobre a nuca havia um brilho, semelhante àquela do sol; os devas em um grande grupo o escoltavam com guarda-sóis preciosos e dosséis ornados, tocando música e espalhando flores, unindo as mãos e prosternando-se. O Buda louvou o Bodhisatva dizendo: "Muito bem! Muito bem! Sua perseverança é algo que se vê raramente no mundo."

Vendo o Buda, o Bodhisatva, dividido entre a alegria e a aflição, prosternou-se e disse: "Eu desejo, ó Buda, que tenhas piedade de mim; corte meus apegos, desate meus entraves, dissipe minha cegueira, cure minha doença e explique-me os livros santos. "O Buda lhe disse: "Nos três mundos tudo é vazio, o ser é integralmente não existente; todas as coisas são ilusórias, logo que surgem, elas desaparecem como bolhas de água.



Considere que, no mundo, tudo é assim e intencione isto. Eu vos expus os livros santos; escute-os com sinceridade e com o coração correto e não os esqueça. À vinte milhas "Li" de caminhada em direção ao leste a partir daqui, existe um reino de nome Kien-t'o-yue (Gandhâra), é a cidade onde encontram-se reunidos os Bodhisatvas; em todo o interior deste reino só existem homens superiores e não há homens ordinários; eu desejo vos expor a virtude de todos estes Bodhisatvas cuja virtude é superabundante, mesmo depois que um número de kalpas haja terminado. Dentre os Bodhisatvas, aquele que é o mais venerável e o que tem a mais alta virtude é Fa-lai ("Lei que vem" = Dharmagâta); ele está entre todos os santos, como a lua está entre as estrelas; ele possui em si as leis de todos os livros santos, sua inteligência é ilimitada, ele explica o Livro santo das claras paramitas e por muitas repetições ele ensinou aos homens; entre todos os bodhisatvas, existem aqueles que receberam este livro santo, outros que o escreveram, outros que determinaram sua origem. Vá encontrar este Bodhisatva, certamente ele tornar-se-a seu mestre e vos encorajará à tornar-se um Buda; encontre-o rapidamente junto à vós. É ele quem deverá em vosso favor, explicar a brilhante virtude das paramitas tanto no interior, quanto no exterior." Quando o Bodhisatva "Sempre aflito" ouviu o Buda celebrar o nome e as virtudes deste Bodhisatva, seu coração penetrou na felicidade da Lei e ele obteve a contemplação instantânea (pratyutpanna samâdhi), todos os demais pensamentos extinguíram-se e ele percebeu integralmente a multidão de Budas que em seu favor, explicavam a verdade das claras paramitas e louvavam o mérito que ele teve ao aplicar suas energias na determinação de se tornar um Buda; todos lhe disseram: "Muito bem! Graças à sua resolução de se tornar um Buda, vós alcançastes este objetivo; nós também em tempos passados, quando nós concebemos o mesmo pensamento, nós fomos como vós, todos os Budas do passado, do futuro e do presente, fizeram o mesmo. Vós alcançastes, certamente o objetivo de tornar-se um Buda e de salvar todos os seres vivos."

O Bodhisatva "Sempre aflito", despertou de seu êxtase e olhou para todos os lados, mas não mais percebia os Budas; novamente seu coração afligiu-se, suas lágrimas corriam e ele disse: "Este brilho maravilhoso de todos os Budas, de onde ele vem e porque ele desaparece?"

Esta é a maneira pela qual o Bodhisatva aperfeiçoa seu coração, pela paramita da contemplação.



### Conto Budista n° 03.

## Uma semente é suficiente para produzir uma grande árvore

(Trip., XIX, 7, p. 22 v.)

Antigamente, nos arredores da cidade de Chö-wei (Srâvasti), havia uma mulher casada que era pura e devota e que seguia de maneira perfeita e completa uma conduta conforme os costumes. O Buda pessoalmente veio à sua porta pedir esmola; a mulher encheu uma tigela de alimento e, além disso, rendeu-lhe homenagem.

O Buda lhe disse: “Quando você semear um, ele produzirá dez; quando você semear dez, eles produzirão cem; quando você semear cem, eles produzirão mil, e assim por diante se produzirão dezenas e centenas de milhares. Você poderá distinguir as santas verdades e a sabedoria.”

O marido da mulher não acreditava na sabedoria e na virtude. Permanecendo atrás em silêncio, escutou o voto pronunciado pelo Buda, e disse: “Ó sramana Gautama, por que você diz tais exageros? Por ter ofertado uma tigela com alimento, obter-se tal felicidade e, além disso, ver as santas verdades e a sabedoria!”

O Buda lhe perguntou: “De onde você vem?” Ele respondeu que vinha da cidade. O Buda lhe perguntou: “Qual é a altura da árvore *ni-kiu-lei* (nyagrodha) que você viu?” “Ela é alta de 40 *li*, respondeu o outro; a cada ano deixa cair muitas miríades de medidas de dez alqueires de frutos.”

O Buda, tendo lhe perguntado qual era o tamanho das sementes desses frutos, ele respondeu: “As sementes são grandes como as sementes de mostarda.” O Buda, tendo lhe perguntado quantas sementes eram necessárias para produzir tal árvore, ele respondeu: “São necessárias apenas algumas.” “É necessário um décimo de alqueire?”, perguntou o Buda. O outro respondeu: “Uma única semente é suficiente.” O Buda replicou: “Por que dizer tal exagero? Plantar uma única semente, grande como uma semente de mostarda e obter uma árvore alta de quarenta *li* que produz a cada ano muitas dezenas de miríades de frutos!”. Ele respondeu: “É, contudo, a verdade.” O Buda prosseguiu: “Se a terra, que é desprovida de conhecimento, possui tal força de retribuição, o que dizer quando uma pessoa pegou, com alegria, uma tigela com alimento para oferecer ao Buda; a felicidade que ela experimentará desafiará qualquer medida.”

O marido e a mulher sentiram, então, o coração e a inteligência se abrirem e no mesmo instante atingiram o caminho de srotâpanna.



## Conto Budista nº 04

### O abatedor de carneiros.

(Trip., XIX, 7, p. 7 rº -vº; cf. p.13 vº -14 1º)

Em tempos passados, houve um açougueiro que esteve com o rei *A-chô-che* (*Ajâtaçatru*), para pedir à ele, que lhe concedesse algo que desejava. O rei lhe disse: “Que desejas? ” O outro respondeu: “Ó rei, nas ocasiões em que celebrais festas, faz-se necessário que se mate animais, eu desejo, ó rei, eu me faça o favor de me encarregar desta incumbência. ”

O rei lhe disse: “Matar é uma ocupação que não agrada aos homens, como então, vós desejais esta ocupação, que além do mais ainda o agrada? ” O outro respondeu: “Eu era, antigamente, um pobre homem e ganhava a vida num local onde eu matava carneiros. Por esta razão, eu renasci junto a quatro devarâjas; quando terminei esta existência de deva, e vim renascer na condição humana, eu continuei a matar carneiros, quando minha vida terminou, eu renasci no segundo céu. Assim por seis vezes eu fui abatedor de carneiros e é por causa disto que repetidas vezes eu renasci na condição de deva e pude experimentar felicidade sem limites. É por isto que agora, eu peço esta incumbência à Vossa Majestade. ”

O rei disse: “Supondo que, o que me contas, seja verdade, como o soubestes então? ” O outro respondeu: “Eu conheço minhas existências anteriores. ”

O rei não acreditou e pensou que aquela era uma vã proposição, pois como um homem de tão baixa condição, poderia conhecer suas vidas anteriores? Em seguida ele questionou sobre este assunto com o Buda, que lhe respondeu: “Este homem falou a verdade e não fez vãs proposições. Nas gerações passadas, este homem encontrou um *Pratyeka-Buda*; tendo visto este Buda, ele experimentou uma alegria e de todo seu coração ele o contemplou com atenção; levantando os olhos, ele percebeu sua cabeça; abaixando o olhar, examinou seus pés, assim, ele concebeu um excelente sentimento; é por causa desta ação meritória, que ele obteve a oportunidade de renascer por seis vezes sucessivas entre os devas e quando ele renasceu entre os homens, ele conheceu suas existências anteriores; por sua virtude produtora de felicidade estar amadurecida, ele obteve por seis vezes a oportunidade de nascer na condição de deva e na condição humana, pois suas faltas ainda não estavam amadurecidas, por isto ainda não recebeu seu castigo. Mas quando ele terminar sua existência presente, ele deverá cair nos infernos para receber o castigo por ter matado os carneiros. Quando ele houver completado seu tempo nos infernos, ele deverá renascer na condição de carneiro e pagar (com suas vidas) o tanto de vezes, quanto o de carneiros que ele matou. O conhecimento que este homem possui de suas vidas anteriores é superficial, ele não vê nada além do que concerne às seis existências na condição de deva; como ele não conhece nada além de sua sétima existência anterior, ele pensa que é devido ao fato de ter matado carneiros, que ele nasceu na condição de deva. Um conhecimento assim tão limitado das existências anteriores, não é nem completo, nem claro.

Assim, quando aqueles que realizam atos meritórios, formulam desejos; acontecesse de falar inapropriadamente; uma vez eu a retribuição dos atos não foi bem compreendida por eles; isto é o que prova esta história.

**Conto Budista nº 05**  
**Predição do Buda Dipankara - O Sutra de Mânava**

(Trip., VI, 5, p. 87 r<sup>o</sup>-v<sup>o</sup>)

Certa vez, o *Bodhisattva* havia nascido no reino de Dipavati e era um *Brahmacârin* chamado Mânava. Ele recebera ensinamentos de seu mestre e costumava olhar as constelações no céu. Vendo-as ou ouvindo-as, ele havia compreendido todos os livros que tratavam de diagramas e de adivinhação. Ele se comportava de maneira sincera e honrava a devoção filial. Todas as pessoas instruídas do reino o louvavam. Seu mestre lhe disse: “Sua sabedoria está completa e seus conhecimentos são suficientes. Por que você não toma a resolução de viajar para que o ensinamento e a conversão tenham início?”. Ele respondeu: “Estou em uma situação de muita pobreza e desprovido de toda riqueza. Como não tenho meios de pagar as bondades do senhor, não ousava retirar-me. (Contudo) minha mãe adoeceu gravemente e não posso tratá-la com remédios. Irei mendigar e me colocarei sob as ordens de alguém a fim de poder arcar com os custos dos remédios”. Havendo seu mestre aprovado integralmente, ele se prosternou e se retirou.

Ao percorrer todos os reinos vizinhos, ele viu quinhentos *brahmanes* que, reunidos em uma sala de conferência, ali haviam colocado um trono elevado, bem como uma bela mulher e cento e cinquenta peças de prata. Eles haviam acordado que, àquele que se sentasse no trono elevado, todas as pessoas instruídas viriam reunidas para colocar-lhe perguntas constrangedoras. Se ele expressasse pontos de vista hábeis e uma sabedoria profunda, a mulher e o dinheiro lhe seriam dados em recompensa. O *Bodhisattva* se aproximou para observar e percebeu que a ciência deles era pouco sólida e, quando se lhes colocava alguma objeção, sua dialética chegava ao fim. Assim, ele disse àqueles instruídos: “Também eu sou filho de *brahmane*. Poderia tomar parte na discussão?”. Todos assentiram, e ele subiu ao trono elevado. As objeções que lhe colocaram as pessoas instruídas eram superficiais, mas suas respostas foram de uma sabedoria profunda. As questões eram mesquinhas, mas suas explicações, muito adequadas. As pessoas instruídas disseram: “Está aí um homem cuja sabedoria é elevada e a inteligência, penetrante. Ele é digno de ser considerado como um mestre”. Todos desceram e se prosternaram pondo a face contra o chão. Mas, quando o *Bodhisattva* se retirou, eles disseram: “Ainda que esse homem seja um sábio, é somente um estrangeiro. Não se deve conceder-lhe uma moça de nosso país. Que lhe seja dada uma maior quantidade de dinheiro!”. Quando eles fizeram essa proposta, o *Bodhisattva* respondeu: “Aquele cuja sabedoria é elevada possui a virtude profunda. Eu desejo a doutrina do não desejo. Esse é o único desejo que tem valor. Quando pela sabedoria se transmite a inteligência de um homem ao outro, a conversão, que acompanha cada pessoa como a própria sombra, não cessa jamais. Não é isso que poderíamos chamar de uma excelente posteridade? Vocês, no entanto, querem obstruir a fonte da sabedoria e cortar o caule da virtude. Não é isso que podemos chamar de supressão da progenitura?”<sup>1</sup>. Quando terminou de falar, ele se retirou. Os *brahmanes* ficaram vermelhos de vergonha e cobertos de confusão.

---

<sup>1</sup> Em outras palavras, o rapaz declara que deseja ter filhos para transmitir sua doutrina.

A mulher disse: “Este homem superior é meu senhor”. Ela arregaçou sua roupa e começou a seguir os passos dele. Percorreu diversos reinos – suas forças se esgotaram, seus pés adquiriam úlceras – e parou, cansada, à beira do caminho. Ela havia então chegado ao reino de Dipavati. O rei desse país se chamava Tche-cheng. Enquanto percorria o reino para inspecionar o território, percebeu aquela mulher que chegava ao fim de suas forças. Ele perguntou-lhe quem era ela e o que fazia à margem do caminho. A mulher contou tudo o que lhe havia acontecido. O rei louvou a resolução dela, teve grande piedade e lhe deu a seguinte ordem: “Venha comigo a meu palácio. Eu a tratarei como minha filha”. A mulher respondeu: “Poderia eu comer, sem merecer, o alimento que me seria dado por um homem pertencente a outra família que não a minha? Desejo que o senhor me ordene algum trabalho e então eu o seguiria, ó grande rei! ”. O rei lhe disse: “Você colherá flores belas que servirão para a decoração que determinei seja preparada”. A mulher, solícita, consentiu e voltou com o rei ao palácio. Todos os dias, ela colhia belas flores para suprir as necessidades do rei.

Mânava, de retorno a seu país, viu na estrada pessoas que, com muita dificuldade, procuravam aplanar o terreno e varrer a poeira. Ele perguntou a um transeunte: “Há alguma festa pública para que o povo esteja tão alegre? ”. Respondeu-lhe: “*Dîpankara*, o *Tathâgata*, o *Arhat*, o *Samyak-samBuda*, *gui* dos deuses e homens virá pregar e converter. É por isso que todos estão felizes”. Mânava regozijou-se. Ele ficou imóvel e entrou em êxtase. Como seus sentimentos eram puros e livres de sujeiras, ele percebeu o Buda que estava por vir. Na estrada, ele encontrou a mulher mencionada acima. Essa mulher havia colhido flores e tinha um grande vaso (*ghatah*) sob o braço. Mânava pediu-lhe algumas flores e recebeu cinco.

O rei, a rainha e as pessoas do povo estavam todos pessoalmente ocupados em arrumar a estrada. O *Boddhisattva* pediu um pequeno pedaço de chão para que ele pudesse arrumá-lo. As pessoas do povo lhe disseram: “Resta ainda um pequeno pedaço alagado, em que a enxurrada é rápida. A terra e as pedras colocadas para contê-la não permanecem fixas”. O *Boddhisattva* disse: “Não seria bom que pela força de *dhyâna* (concentração) eu fizesse cair aquela pequena estrela lá em cima para bloquear a fissura? ”. Mas ele refletiu que, quando se faz uma oferenda, esta só tem valor se feita ao preço de um esforço pessoal dos quatro elementos que constituem o corpo. Ele desistiu de recorrer à estrela e carregou com grande dificuldade várias pedras, que serviram para obstruir a água, e as manteve firmes pela força da concentração. Sobrou ainda uma pequena vala submersa, no momento em que o Buda chegou. (O *Boddhisattva*) retirou a pele de cervo que lhe cobria o corpo e a estendeu sobre o local úmido. Depois espalhou suas cinco flores sobre o Buda. As flores permaneceram dispostas no espaço como se uma mão as houvesse plantado e como se tivessem raiz no solo. O Buda lhe disse: “Em noventa e um *kalpas*, você será Buda. Seu nome será *Sâkya Tathâgata*, o *Arhat*, o *Samyak-samBuda*, *guia* dos *devas* e dos homens. Nesse tempo, o mundo estará transtornado. Pais e filhos serão inimigos. Os governantes oprimirão o povo como se chovesse uma torrente de lâminas cortantes. Será difícil ao povo escapar do mal, qualquer que seja o esforço para evitá-lo. Você será aquele que socorrerá todos os seres vivos, e aqueles que serão assim liberados serão incontáveis”. Mânava encheu-se de alegria e saltou pelos ares. Ele chegou a uma altura de sete vezes oito pés.

Depois, descendo do espaço, estendeu sua cabeleira sobre o solo e pediu ao Buda que caminhasse por cima. Quando o Honrável do mundo havia passado, ele disse aos *bhikshus*: “Não pisem mais este local. A razão é que o lugar onde se recebe uma predição é digno de todo respeito. Se algum homem sábio aqui erigir um templo, ele terá as mesmas vantagens que aquele que recebeu a previsão”. Observando aquilo, os *devas* exclamaram em uníssono: “Nós construiremos o templo”. Nesse momento, um menino chamado Hien-k’ien, filho de um senhor proprietário, fincou no local uma pequena vara e gritou: “Meu templo está construído! ”. Observando aquilo, os *devas* disseram uns aos outros: “Mesmo sendo uma criança comum, ele teve a sabedoria digna de um santo de primeira linha! ”. Depois eles trouxeram materiais preciosos de toda sorte e edificaram sobre o local um templo. Prosternando-se, e com a cabeça tocando o solo, eles declararam: “Desejamos agora que o Buda nos ensine e nos converta. Que felicidade será a recompensa daquele que erigiu o templo? ”. O Honrável do mundo disse (ao menino): “No período em que Mânava se tornar Buda, você receberá a revelação do seu destino”.

O Buda disse a Sariputra: “O Mânava era eu mesmo; a mulher que lhe vendeu as flores é hoje Gopa; o filho do senhor proprietário é hoje Fei-lo-yu, que está entre os ouvintes”. Imediatamente, Fei-lo-yu se prosternou, colocando a cabeça sobre os pés do Buda, e este lhe revelou o destino, dizendo que ele se tornaria um Buda chamado Vista Penetrante.

Quando o Buda terminou de pronunciar o texto santo, os discípulos das quatro categorias, bem como os *devas*, *nâgas*, demônios e gênios, regozijaram-se todos sem exceção e, depois de se prosternarem, retiraram-se.

Essa é a maneira pela qual se pratica a paramita da sabedoria universal do Bodhisattva, o exercício da inteligência.



**Conto Budista nº 06**  
**Os cavalos que giram a pedra de moinho**  
*(Trip., XIX, 7, p. 9 verso)*

Um rei da região Oeste nunca tivera cavalos por não querer causar despesas aos órgãos públicos, saiu um dia para buscar cavalos, bem distante em todas as direções, e (encontrando) comprou quinhentos deles para que o protegesse contra os inimigos e garantissem a tranquilidade do reino.

Após alimentar esses cavalos por muito tempo, sem que houvesse ocorrido nenhum problema na região, o rei fez a seguinte reflexão: “ A despesa para cuidar e alimentar esses quinhentos cavalos não são pequenas, dar alimento a eles custa muito e eles não tem nenhuma utilidade para o reino. ” Ele ordenou, então, ao intendente para tapar os olhos dos cavalos e colocá-los para girar a pedra de moinho para que eles trabalhassem e assim não dessem mais despesas aos órgãos públicos.

Depois de muito tempo fazendo isso, os cavalos se habituaram a mover-se em círculos. Ocorreu então um súbito ataque de um reino estrangeiro que invadiu o território a custas de uso de armas. O rei então ordenou que colocassem selas de montaria completas nos cavalos para que os valentes generais os montassem como é regra em combates. Mas quando foram pegar os cavalos e, chicoteando-os, tentaram fazê-los seguir em frente, os cavalos desde que sentiram o chicote, começaram a se mover em círculos, sem nenhuma vontade de seguir em direção aos invasores. Os inimigos vendo isso, viram que os cavalos não eram, de forma alguma, eficientes e rapidamente esmagaram todo o exército do rei.

Por essa história se compreende o homem que deseja buscar a recompensa do fruto excelente. Se, no momento da morte, o cavalo não está desnordeado, ele obterá tudo que estiver conforme suas aspirações. Mas se, anteriormente, ele não domou e não se preparou de antemão, quando o inimigo que é a morte, subitamente chegar, o cavalo de seu coração começará a andar em círculos e definitivamente, não obterá a realização de seus desejos, da mesma forma que os cavalos do rei foram incapazes de vencer o inimigo e proteger o reino. É por isso que o homem virtuoso que torna seu coração excelente não dispensa velar continuamente o seu coração.





**Conto Budista nº 07**  
**O Buda e o pobre chefe de família**  
( *Trip VI,5, p.58 v<sup>o</sup> - 59 r<sup>o</sup>* )

*(Sutra do discurso dirigido pelo Buda ao chefe de família)*

Eis o que escutei dizer: uma vez o Buda se encontrava em Chö-wei (Çrâvasti), no Jetavana, no jardim d'Anâthapindada. Nesta ocasião, um chefe de família se encontrava a padecer o infortúnio que lhe valeu suas existências anteriores; ele era extremamente pobre e sofria por isso. Ele tinha vestimentas de ervas, esteiras de palha, legumes e mingau de milho para satisfazer às suas necessidades. Ainda que muito miserável, ele, entretanto, jamais se encaminhava a uma residência onde a sabedoria era ausente; sua mão não pegava em donativos que viessem de homens desprovidos de sabedoria; ele se conduzia resolutamente com pureza; todas as doutrinas falsas não podiam macular seu coração. A defesa dos livros santos não saía jamais de sua boca, uma vez que ele os recitava desde a manhã e os recitava ainda à noite. Ele era louvado para os honoráveis do mundo e respeitado pela assembléia dos sábios. Ainda que suas vestes e sua alimentação não fossem suficientes para seu corpo e sua boca, ele fazia oferendas à assembléia dos santos com tudo que tinha em casa de legumes, de mingau de milho e de esteiras de ervas, e não deixava de fazê-lo um único dia.

Os cramanas diziam: "Este chefe de família é muito pobre e está sempre pálido de fome; não podemos aceitar o alimento que ele nos doa constantemente. Os livros santos dizem: "que os cramanas observem com todo seu coração a verdade; que sua defesa seja para eles completa; que sua conduta seja elevada; que sua vontade seja (pura) como o ouro celeste; que eles não fixem preço à riqueza e às mulheres e que apenas os santos livres sejam preciosos a seus olhos; que eles suprimam e extingam os seis apetites. " Façamos, pois o juramento de nos desembaraçarmos da fome; porque teríamos nós vergonha de esmolar e porque não o faríamos? " Eles se reuniram junto do Buda e lhe expuseram todo este embaraço; o Honrado do mundo ficou em silencio.

No dia seguinte, o chefe de família se apresentou pessoalmente no vihâra; quando ele acabou de se posternar, ele sentou-se ao lado. O Buda, levando em conta o que os cramanas lhe haviam revelado anteriormente, perguntou a este chefe de família: "Agrada-lhe fazer diariamente benevolências liberalizantes para prover o sustento dos bhiksus? " Ele respondeu: "Sim, certamente. Tudo que tenho em minha casa, ofereço a eles todos os dias, mas lamento ser pobre e não ter senão legumes, mingau de milho e esteiras de ervas; eu faço, assim, um ultraje a estes homens santos e sábios e é isto que me deixa taciturno. " O Bem-aventurado disse-lhe: " A importância dos atos de liberalidade consiste nas quatro intenções que são: com um coração benevolente voltar-se para os outros, com um coração misericordioso testemunhar a compaixão, se regozijar de que os outros, como resultado, tenham saúde, proteger e socorrer todos os seres vivos. Mesmo quando a oferenda feita é pequena, as condições nas quais se vem ao mundo a seu tempo são sempre aquelas de nascer elevado como (deva) , ou aquele de estar entre os homens; os sonhos que concebemos se realizam espontaneamente, o coração tem satisfação plena naquilo que concerne às formas para o olho, aos sons para os ouvidos, aos perfumes para o nariz, aos

sabores para a boca, e às vestimentas com as quais se reveste o corpo; não se terá temor de faltar coisa alguma de tudo isto.

Se a liberalidade que um homem faz é sem valor e se por outro lado seu coração não tem prazer com isto, tanto mais tarde ele obterá a recompensa apropriada, esta será uma satisfação diminuta entre todas; as dignidades e os objetos preciosos das sete sortes que ele obterá não serão suficientes para assegurar sua glória; como ele estará numa condição mesquinha, e como, por outro lado, seu coração será avaro e parcimonioso, ele não ousará nem se vestir nem se alimentar, sempre inquieto e agitado, ele não se regozijará jamais, com seu ventre esfomeado e seu corpo sofrendo de frio, ele parecerá um mendicante; ele não fará senão nascer para morrer, sem executar nada de excelência que lhe assegure a felicidade. Ser ão feitas liberalidades com coisas de boa qualidade, mas com um coração não seja absolutamente sincero, se, por arrogância e confiança em si mesmo, não se é pessoalmente respeitoso, se se procura à força de adulação um renome brilhante e que se deseja fazer conhecer ao longe, o homem que tenha agido com estes motivos terá mais tarde poucas riquezas mais seus contemporâneos o louvarão sem razão dizendo que ele é milionário; quanto à ele, acreditará que é despojado; suas vestes serão sempre miseráveis e sua alimentação não será jamais delicada; ele também não fará senão nascer inutilmente e morrer inutilmente; os bhiksus não transporão jamais esta porta; eles se afastarão dos três Veneráveis (Triratna) e conservar-se-ão constantemente perto das doutrinas más. Quanto àquele que faz donativos de objetos de boa qualidade e que respeitosa e lhe oferece com as quatro beneficências, quem com suas próprias mãos dá de beber e quem concentra seu pensamento nos três Veneráveis (Triratna), quem faz o juramento de agir de forma que todos os seres vivos reencontrem o Buda e ascendam ao céu, e que todos os sofrimentos sejam destruídos, um tal homem, nas existências ulteriores em que nascerá, obterá o objeto de seus desejos quaisquer que sejam eles; encontrará o Buda e nascerá nos céus como havia sonhado.



## Conto Budista nº 08

### O rei caçador, o rei dos cervos e corça.

(*Trip., VI, 5, p. 59vº.*)

Antigamente o Bodhisattva era um rei dos cervos; seu corpo era alto e grande; sua pelagem era de cores variadas, seus cascos e seus cornos eram de uma elegância maravilhosa; um bando de cervos era submisso a ele e o seguia, formando uma tropa de vários milhares de indivíduos.

O rei saiu para caçar; os cervos debandaram para todos os lados; uns se precipitaram do alto das escarpas e tombaram nas ravinas; outros para lá e para cá entre as árvores e se furaram nos espinhos, acuados, exauridos, mortos ou feridos, aqueles que pereceram não foram em número pequeno. Vendo isto, o rei dos cervos disse soluçando: “Sou o chefe deste bando; meu dever era refletir bem ao escolher um lugar para passear; foi simplesmente por ter ervas deliciosas que vim vagar aqui; do infortúnio de todos estes pequenos, a culpa é minha”.

Quando ele entrou direto no reino, ao vê-lo passar, as pessoas do reino diziam todas: “Nosso rei tem a virtude de uma extrema bondade, assim um cervo divino vem lhe render homenagem a fim de ser uma prova de bom augúrio para o estado”. Ninguém se atreveu de pará-lo; ele chegou assim ante a sala do trono, ajoelhou-se e disse: “Nós, animais de pouca importância, em nosso ávido desejo de viver, nos arriscamos no território de vosso reino, frequentemente encontramos caçadores e estas pobres bestas (meus companheiros) fugiram e foram caçados;

Uns, vivos, se desviam; outros, mortos, feitos em pedaços. Vossa bondade celeste ama os seres; em verdade somos dignos de piedade. Desejo que possamos escolher nós mesmos entre nós os cervos que fornecerei cada dia a vossa cozinha; peço saber o número que vós exigireis; não me permitirei de enganar Vossa Majestade”. O rei, extremamente maravilhado, disse: “Meu chefe de cozinha não tem necessidade diariamente de mais que um de vós, eu não sabia que, entre vós, os que foram feridos ou que foram mortos eram tão numerosos, se vós mantiverdes realmente a promessa que vós acabais de fazer, eu farei o juramento de não mais caçar”.

O rei dos cervos voltou, após anunciar o que havia acontecido à multidão de cervos e lhes expôs todo seu projeto, mostrando-lhes as vantagens e os inconvenientes. Todos os cervos se submeteram a seu acordo; eles estabeleceram entre eles uma ordem de sucessão para determinar os que deveriam partir primeiro; cada vez que um deles era obrigado a ir para a morte, ele passava perto do rei para se despedir dele; o rei chorava pela sua sorte e lhe dava instruções dizendo: “Considere que neste mundo, todos os seres estão sujeito à morte e que nada saberá evita-la; ao longo do caminho medite sobre o Buda, sobre suas instruções de bondade e sobre seu coração benevolente; preserve-se de ter qualquer rancor para com este rei dos homens”.

Cada dia então as coisas se passavam assim. Ou, entre estes animais, encontrava-se uma corça que deveria partir e que estava prenhe; ela dizia: “À morte, não me permito subtrair-me, mas peço um prazo para parir e em seguida retomarei meu lugar”. Quiseram substituí-la; aquele que vinha após ela se prosternou e disse derramando lágrimas: “Certamente irei à morte; mas tenho ainda o direito de viver por um dia e uma

noite; após esta pequena duração de existência, quando o momento (de morrer) tenha chegado, não terei de pesar algum”.

O rei dos cervos não queria lhe dar prejuízo de qualquer parte de vida; no dia seguinte então, ele foi para longe do tropel dos cervos e se apresentou em pessoa nas cozinhas reais; os cozinheiros o reconheceram e informaram ao rei de sua vinda; o rei lhe perguntou por que ele se encontrava ali, ele contou o que acabamos de dizer. O rei, traspassado de emoção, chorou e disse: “Como pode ser que um animal tenha dentro dele bondade igual no céu e na terra, sacrifica seu corpo para salvar a loucura de outros, imita a conduta de grande benevolência que tinham os homens da antiguidade? Enquanto eu, que sou um soberano de homens, eu destruo a cada dia o destino de uma multidão de seres vivos; para engordar minha própria pessoa, eu me comprazo com a crueldade; será tal conduta digna mesmo de um lobo? Um animal que tem tal conduta recebeu do céu sua virtude”.

O rei então devolveu o cervo e o deixou voltar ao lugar onde ele morava após o que proclamou que em toda a extensão de seu reino, se alguém fizesse mal a um cervo, seria punido como se houvesse feito mal a um homem. A partir deste momento, o rei e todos seus oficiais se converteram uns seguidos pelos outros; as pessoas do povoado se conformaram com a bondade e não mataram mais; a diligência deles se estendeu às ervas e às árvores, e o reino desfrutou, então, de uma grande paz.

O Bodhisattva, de existência em existência, põe em perigo sua vida para socorrer os seres, estas ações meritórias se realizam e sua virtude aumenta, ele se torna assim um herói venerável.

O Buda disse aos bhikkus: “Aquele que neste tempo era o rei dos cervos, era eu próprio; o rei do reino era Chō-li-fou (Sariputra).”.

Esta é a forma através da qual a paramita da generosidade do Bodhisattva pratica a doação.



## Conto Budista nº 09

### A raposa, a lontra, o macaco, a lebre e o religioso

(Trip., VI, 5, p. 60 rº-60 vº.)

Existia antigamente um bramane, que tinha 120 anos; ele observava a castidade e não havia casado; os desejos luxuriosos eram nulos nele; calmo, ele habitava a solidão das montanhas e não tinha prazer algum na glória deste mundo; ele fez para si uma cabana de ervas e teceu esteiras com as plantas pong e hao; para conservar sua vida; colhia água das fontes e frutas da montanha; seus propósitos eram imensos e sua conduta, elevada. O Universo admirava sua virtude; o rei o induziu a vir para junto dele com o propósito de servir de conselheiro, mas ele persistia em sua circunspeção e recusava toda função pública. Ele permaneceu na solidão das montanhas por dezenas de anos; sua bondade se estendia a todos os seres vivos, os pássaros e quadrúpedes eram apegados a ele e confiavam nele.

Mas, havia quatro animais, a saber: uma raposa, uma lontra, um macaco e uma lebre; estes quatro animais disseram: “Temos feito oferendas a este religioso, e, com um coração calmo, temos escutado ele explicar os textos sagrados; mas eis que se passaram muitos anos e os frutos da montanha estão esgotados; este religioso deseja se transferir a qualquer outro lugar onde encontrará frutos em abundância”. Estes quatro animais disseram ansiosamente: “Ainda que tivéssemos um reino inteiro de homens gloriosos e eminentes, eles seriam como água turva da qual o mar está cheio e que não vale uma medida de ambrosia; se este religioso for embora, nós não ouviremos mais as regras santas e nos perverteremos; que cada um de nós, pois, busquemos, segundo seus meios, as bebidas e os alimentos para oferecer ao religioso; então lhe pediremos para ficar nesta montanha e talvez ainda escutemos a grande lei”.

Tendo todos concordado com esta proposta, o macaco foi procurar as frutas; a raposa se transformou em homem e obteve um saco de grãos torrados; a lontra apanhou um grande peixe; cada um destes animais disse (ao apresentar sua oferenda): eis quem vos fornecerá os víveres por um mês”. A lebre meditou profundamente sobre a oferenda que poderia fazer bem ao religioso e disse a si própria: “Todos os seres vivos devem perecer, o corpo é um instrumento corruptível, por isso faz bem abandona-lo, vale mais dar de comer a um único religioso que a dez mil homens ordinários”. Ele se pôs a juntar madeira seca, depois a acendeu de forma a fazer um braseiro; em seguida disse ao religioso: “Ainda que meu corpo seja pequeno, ele pode lhe servir de comida por um dia”. Ditas estas palavras, ela se jogou no fogo, mas o fogo não o queimava. Vendo esta cena, o religioso se emocionou com a conduta que a lebre teve; todos os Budas louvaram sua virtude; as divindades do céu o cercaram de atenção. O religioso então permaneceu lá e cada dia explicava os maravilhosos textos santos de sorte que os quatro animais puderam receber os ensinamentos.

O Buda disse aos cramanas: “O brâmane não era outro senão o Buda Dipamkara (Ting-kouang); a lebre era eu mesmo; o macaco era Shariputa; a raposa era Ananda e a lontra era Maudgalyâyana”.

Tal é a forma como a paramita da generosidade do Boddhisattva pratica a doação.

**Conto Budista nº 10**  
**O homem rico, o rato e o mendigo**

*(Trip., VI, 5, p.60 vº.)*

Antigamente, o Bodhisattva era um grande chefe de família. Suas riquezas acumuladas igualavam às do rei. Ele alegrava-se constantemente em ajudar aos pobres. Sua bondade atingia todos os seres vivos. Aceitava todos os que se refugiavam junto a ele, assim como o mar recebe em si os cursos d'água. Ora, o filho de um de seus amigos, por sua conduta desregrada, acabou dilapidando todo o patrimônio. O chefe de família apiedou-se dele e deu-lhe estas instruções: "Se você exerce sua profissão com sabedoria, obterá felicidade e vantagens infinitas. Eu lhe dou mil onças de ouro para que lhe sirva de capital." O outro respondeu que ele aceitava com respeito e que não se permitiria transgredir àquelas prudentes advertências. Em seguida, começou a comerciar.

Seu caráter era perverso e sua conduta parcial. Amava render culto aos demônios e aos seres malfazejos. Entregava-se sem reservas ao vinho e à alegria. Tendo esgotado seu dinheiro, tornou-se pobre. Isso se repetiu cinco vezes e cinco vezes gastou tudo o que tinha. Sem recursos, voltou a solicitar a proteção do chefe de família. Precisamente então, sobre um monte de estrume que estava diante da porta do chefe de família, havia um rato morto. O chefe de família lhe mostrou o monte de estrume, dizendo: "Um homem de bem que fosse inteligente poderia fazer fortuna com este rato morto, enquanto que você, mesmo com mil onças de ouro, se deixou reduzir à miséria. Agora, mais uma vez vou lhe dar mil onças de ouro."

Ora, um mendigo estava a certa distância e escutou esses ensinamentos. Completamente desconcertado, sentiu-se abalado. Adiantou-se como para mendigar alimento e depois foi-se embora levando o rato. Para conformar-se às excelentes instruções que havia escutado, mendigou todos os ingredientes necessários, combinou-os e assou o rato o qual vendeu por duas peças de moeda. Com isso, realizou a seguir o comércio de legumes e conseguiu assim mais de cem peças de moeda. Começando com pouco para atingir resultados brilhantes, tornou-se um homem bastante rico.

Um dia em que estava sozinho, pensou no seguinte: "No início eu era um mendigo, como pude obter tal fortuna?" Compreendeu repentinamente e disse: "É porque o sábio chefe de família deu uma lição àquele parvo que pude adquirir essas riquezas. Ora, o que recebe um benefício e não se mostra reconhecido pode ser chamado de ingrato." Fez então uma mesa de prata e rodeou-a de adereços preciosos. Fez também um rato de ouro e, após lhe ter enchido o ventre com todo tipo de jóias, colocou-o sobre a mesa rodeando-o de um monte de adornos preciosos. Dispôs todo tipo de alimentos delicados. Ofereceu tudo de presente ao chefe de família, dizendo: "Agora, eu retribuo sua bondade celeste." O chefe de família replicou: "Excelente verdadeiramente é o homem que podemos instruir." Deu-lhe então a filha em casamento. Confiou-lhe sua residência e todos os bens. Disse-lhe: "Você será meu sucessor, mas terá que honrar as três jóias do Buda e socorrer todos os seres vivos com os quatro tipos de sentimentos." O outro respondeu: "Certamente praticarei a religião budista." Em seguida, então, tornou-se o sucessor do chefe de família. Em todo o reino era louvada sua devoção filial.

O Buda disse aos sramanas: “O chefe de família era eu mesmo. O homem desconcertado era Devadatta. Quanto àquele que obteve a riqueza, utilizando-se de um rato, era o bhikshu P’an-t’o [(Culla] panthaka). Devadatta tentava me fazer mal. O livro santo em seis mil seções diz: ‘Quando a conduta regular é violada por alguém, este, em sua morte, entra no inferno da Grande Montanha. ’ O bhikshu P’an-t’o, por ter pronunciado a simples frase que me amava, conseguiu escapar do mundo. Quando as palavras não são seguidas pelos atos, é como o azeite (da lamparina) que se destrói ao clarear. É como a sabedoria de um homem de poucos recursos. Quando as palavras e os atos estão em união, esta claridade é como a do sol e a da lua. Tem afeição por todos os seres vivos, consegue salvar a todos os seres. É a sabedoria de um homem superior. Sua conduta é como a terra da qual todos os seres vivos nascem. ”

Eis a maneira segundo a qual a paramita da generosidade do Bodhisattva pratica a doação.





## Conto Budista nº 11

### O jovem homem que serviu de lamparina para o Buda

*Trip., VI, p.61 rº61 vº*

Certa vez, o Bodhisattva era um brahmane; a ciência dos livros não tinha para ele mais segredos; as pessoas do país o reconheceram como seu mestre. Ele tinha quinhentos discípulos e todos possuíam a virtude de um homem superior; ele mesmo gostava de praticar a generosidade com tanto zelo, como se protegesse a sua própria pessoa. Neste tempo havia um Buda, cujo nome era Cha, o Tathágata, O venerável arhat, o samyaksambuda; ele se propôs a guiar os três mundos e os trazer de volta à pureza original da mente. O Bodhisattva viu o Buda, e, pleno de alegria, tomou nele seu refúgio, ele pediu ao Buda e aos monges que permanecessem durante sete dias em sua residência e fez oferendas a eles com o mais grande respeito.

Os discípulos do brahmane competiram para que cada um pudesse se ocupar de um serviço determinado; entretanto um deles, que era o mais jovem, foi encarregado por seu mestre de fazer uma pequena missão, quando ele voltou e perguntou de que serviço poderia se ocupar, o mestre lhe disse: "Se houver alguma coisa que ainda não foi feita, ocupe-se dela." O jovem homem respondeu: "Só da lamparina não tem alguém que se ocupe". O mestre replicou: "Muito bem, ó discípulo." O jovem homem então se lavou com pureza, encheu de óleo de linho sua cabeça, enrolou em volta de sua cabeça um tecido branco, e então com sua própria mão ele pôs fogo. Os devas, os homens, os nagas e os demônios, vendo sua audácia, aplaudiram e exclamaram de admiração dizendo: "Jamais alguém fez algo assim, este homem certamente se tornará Buda."

O Buda aprovando, faz de uma forma que a claridade penetra as trevas da noite sem que sua cabeça sofra; então o jovem homem guardou sua atenção pousada sobre os livros santos; por causa do seu zelo, ele não teve nenhum outro pensamento e ficou assim durante sete dias sem que sua meditação relaxasse de nenhuma maneira. Neste momento o Buda fez esta profecia: "Depois de kalpas inumeráveis, você se tornará um Buda, seu nome será Dipamkara (Ting-kouang); ao centro de sua nuca e em cada um dos seus ombros haverá uma claridade; você ensinará, socorrerá, e a multidão dos seres vivos será salva, você fará isso de modo ilimitado." Os devas, os homens, os demônios e os nagas, entendendo que ele se tornaria um Buda, foram todos juntos e se prosternaram para lhe felicitar.

O brahmane fez então a reflexão seguinte: "Se este homem obterá o estado de Buda, eu também certamente obterei; é necessário que eu receba a predição que me concerne, antes que o Buda se vá."

Ele então se prosternou e disse: "Agora eu preparei para vós uma pequena oferenda, na qual eu coloquei todo o meu coração; eu desejo que vós me concedais a predição que me concerne." O Buda disse ao brahmane: "Quando este jovem homem se tornar Buda, ele lhe dará a predição que vos concerne". Entendendo que ele também se tornaria Buda, o brahmane ficou tão feliz que esqueceu que possuía um corpo; deste momento em diante ele praticou fortemente a generosidade; aqueles que tinham frio, ele os vestiu; aqueles que tinham doenças, ele deu remédios, os seres que rastejam, os que voam, aqueles que se

movem como insetos, aqueles que caminham, ele lhes ofereceu a comida que era conveniente e os socorreu no tempo oportuno. Todos os diversos reinos localizados nas oito direções do espaço o proclamaram um bom pai.

O Buda disse à Chö-li-fou (Sariputra): "O jovem homem, era o Buda Dipamkara (Ting-kouang fo); o brahmane era eu mesmo."

Tal é a maneira do Bodhisattva praticar a paramita da generosidade.



**Conto Budista nº 12**  
**O Brâmane que suporta as afrontas**  
*(Trip., VI, 5, p. 69 r<sup>o</sup>)*

Antigamente, o Bodhisattva era um brâmane chamado Tch'an-t'i-ho (Ksântivadin); ele vivia em meio à solidão da montanha; sentado ao pé de uma árvore, meditava profundamente; frutas e água de fonte constituíam sua bebida e sua comida; as máculas de seu ser interior haviam diminuído e desaparecido; permanecia assim no vazio e na calma; havia compreendido de uma maneira vasta os seis conhecimentos sobrenaturais (abhijñas) e havia conseguido possuí-los integralmente; o perfume de sua sabedoria e de sua fama foi percebido nas oito regiões, de alto a baixo; nas dez direções, todos os Budas, os Pratyekas Budas e a coletivo de santos arhats exclamavam de admiração sobre esse feito; Çakra, Brahma, os quatro reis (devarâjas), os nagas dos mares, os deuses da terra, de manhã à tarde tinham uma atitude respeitosa, juntando as mãos e se prosternando, recebendo suas instruções e submetendo-se à sua influência; juntavam-se em torno dele para proteger o reino onde vivia; o vento e a chuva chegavam nas estações próprias, os cinco cereais amadureciam em abundância; os venenos desapareciam e as calamidades eram suprimidas; o príncipe e seu povo eram prósperos.

O rei desse país chamava-se Kia-li<sup>2</sup>; tendo entrado nas montanhas para caçar, lançou-se à perseguição de um grande cervo; ao segui-lo em sua pista, passou diante do Bodhisattva; o rei pediu ao religioso: “Os rastros do animal passaram por aqui; em qual direção ele se foi?” O Bodhisattva permaneceu silencioso fazendo estas reflexões: “Se todos os seres vivos se atormentam, é unicamente para salvar sua pessoa e seu destino; recuar a morte e manter sua vida, meu próprio coração, consegue fazer outra coisa? Se declaro ao rei (aonde foi o cervo), ele o matará com crueldade, comportar-se-á sem bondade e eu serei também tão culpado quanto o rei; se fingir não ter visto o cervo, cometerei uma mentira”. Confuso em seu coração, ele abaixa a cabeça sem falar. O rei, então, irrita-se e diz: “Ó, mendigo digno de morte, eu sou o atual soberano, o homem mais honrado de todo o reino; ora, eu vos interrogo, vós não me respondeis imediatamente, mas, como artifício, vós baixais a cabeça! ” Neste país, mostrar as unhas de sua mão é um gesto que significa “não”. O Bodhisattva, triste e inquieto, diz a si mesmo: “Farei eu o gesto de indicar as unhas de minha mão para dizer: “não”? Mostra assim (suas unhas) ao rei para dar a entender que ele não tinha visto (o cervo).

O rei diz: “Os rastros do animal passam por aqui e, no entanto, vós dizeis que não o havíeis visto; a autoridade real é absoluta; o que é que me impediria de vos matar? ” O Bodhisattva replicou: “Eu vos obedeço, ó rei”. O rei retoma: “Quem sois vós? ”. Ele responde: “Sou um homem que suporta as afrontas”. O rei, irritado, saca sua espada e corta-lhe o braço direito. O Bodhisattva fez esta reflexão: “Meu objetivo é esperar a sabedoria suprema e não tenho qualquer querela com pessoas de meu tempo; se, contudo, este rei me fere com sua arma afiada, por mais razão o farão os homens do povo. Eu faço o voto de quando eu tiver obtido a dignidade de Buda, começar certamente por salvar este rei, a fim de impedir que seres vivos o imitem no mal”.

---

<sup>2</sup> O nome deste rei é Kalâbu em páli.

O rei lhe diz ainda mais uma vez: “Quem sois vós? “. Ele respondeu: “Sou um homem que suporta as afrontas”. O rei lhe cortou a mão esquerda. A cada nova pergunta ele lhe cortava um membro; ele lhe cortou os pés, as orelhas e o nariz; seu sangue jorrava como a água de uma fonte; seus sofrimentos eram imensos; por isto o céu e a terra estremeceram; o sol obscureceu; os quatro grandes devarajas acorreram de comum acordo, e de uma mesma voz disseram com cólera: “Este rei é de uma ferocidade que seria difícil igualar-se”. Eles dirigiram-se então ao religioso e lhe disseram: “Sem que seja necessário macular vosso coração<sup>3</sup>, faremos matar o rei, assim como sua mulher e seu filho e, ao mesmo tempo, nós destruiremos seu reino inteiro a fim de trazer à luz sua perversidade”. O religioso replicou: “Que palavras dizeis vós? A infelicidade que me atinge foi causada por mim mesmo; numa vida anterior eu não segui a religião budista e fiz mal àquele (que hoje é o rei); ora, quando se faz o mal, a infelicidade vem em seguida, como a sombra que se apega ao corpo; quando no passado se semeou pouco, agora se colhe muito. Se eu me conformasse com os vossos conselhos, as calamidades que daí resultassem seriam tão grandes quanto o céu e a terra; durante inúmeros kalpas, sofrer-se-iam infortúnios sem que isto jamais tenha fim”.

Todavia, as pessoas do povo, percebendo que havia perturbações, apressaram-se em confessarem-se culpados e disseram a uma voz unânime: “Vivendo aqui, este religioso é uma fonte de felicidade e prosperidade para o reino; ele cuida os flagelos e suprime as epidemias; mas este rei extremamente estúpido, que não discerne o bem do mal e que não compreende do que se deve abster e o que é necessário fazer, atacou maldosamente este santo. Nós desejamos, ó santo homem, que vós não nos denunciéis ao soberano supremo. ” O Bodhisattva lhes respondeu: “O rei, por uma maldade da qual não é responsável, fez sofrer meu corpo; meu coração tem compaixão por ele, da mesma forma que uma mãe amorosa tem piedade de seu pequeno filho. Quanto a vós, ó pessoas do povo, que falta cometestes para que me irrite contra vós? Se vós tendes alguma dúvida a este respeito, tomai meus braços cortados e levai-os. ” As pessoas do povo, de fato, pegaram seus braços e dos mesmos correu leite. O Bodhisattva disse: “Eis aqui a prova manifesta de que minha compaixão é parecida àquela de uma mãe amorosa. ” Ao ver este grande milagre, o povo inteiro foi convertido e se retirou feliz.

O Bodhisattva tinha um irmão caçula que - ele também - tinha descoberto os primeiros princípios da sabedoria; esse irmão vivia noutra montanha; através de sua visão celestial, teve um olhar penetrante que lhe mostrou as divindades do céu, os demônios e os nagas ouvindo conselhos a respeito da maldade do rei e todos muito irritados contra este; temia então que seu irmão mais velho não tivesse sentimentos suscetíveis de ficar atento à sua virtude; ele se fez transportar graças ao seu poder sobrenatural (rddhi) para junto de seu irmão mais velho e lhe disse: “Fostes ferido?” O Bodhisattva lhe respondeu: “ Eu não tenho ferida alguma; se fores por em evidência a minha verdade, tomai minhas mãos, meus pés, minhas orelhas e meu nariz que foram cortados e colocai-os de volta em seus lugares de origem. Se esses membros tornarem novamente a ficar firmes, minha verdade será provada. O irmão caçula recolocou os membros, que imediatamente re-aderiram. O irmão mais velho disse: “A verdade de minha benevolência universal está agora manifesta. ” Os deuses do céu e aqueles da terra, todos sem exceção, ficaram

---

<sup>3</sup> Subentende-se: deixando-vos em estado de cólera

emocionados e felizes; prosternaram a cabeça contra o solo, louvaram sua perfeição e exortaram uns aos outros a fazer esforços para ter uma nobre conduta, eles aceitaram as defesas, depois se retiraram.

Em seguida a isso, o sol e a lua perderam seu brilho; os cinco planetas desordenaram-se; os pródigos nefastos sucederam-se sem interrupção; houve secas e o grão (cereal) encareceu; o povo irritou-se contra seu rei.

O Buda disse aos bhiksus: Aquele que neste tempo foi Tch'an-ti'-ho, fui eu mesmo; o irmão caçula, foi Maitreya; o rei, foi o arhat Kiu-lin.

Tal é a maneira que a paramita da paciência do Bodhisattva pratica a paciência das injúrias.



### Conto Budista nº 13

## O Bodhisattva crava uma agulha em cada poro de sua pele

(Trip., VI, 5, p. 74 v. -75 r.)

Quando se fala de exemplos supremos de paramita da energia (virya), o que se entende por ela? (Eis o que faz o homem que dá tais exemplos:) ele conserva a sabedoria de todas as suas forças e o progresso sem jamais se cansar; deitado ou sentado, ou mesmo ao andar, ele não cessa jamais (de se aplicar), nem pelo tempo de respirar; seus olhos têm visões e veem constantemente as imagens sobrenaturais de todos os Budas, cujas manifestações diversas ocorrem diante dele; suas orelhas, quando elas ouvem sons, escutam constantemente o som virtuoso das instruções que foram derramadas (sobre os homens) e que são corretas e verdadeiras; seu nariz sente apenas perfumes religiosos; sua boca pronuncia apenas palavras religiosas; suas mãos trabalham apenas atos religiosos; seus pés pisam apenas salas religiosas; ele não cede de sua resolução, mesmo durante o tempo necessário para respirar. Ele é pleno de compaixão com a multidão de seres vivos, que, durante uma noite perpétua, são sacudidos sobre o mar, que são levados no ciclo sem fim (do nascimento e morte) e que são atingidos pela dor, sem achar qualquer socorro. O Bodhisattva se entristece sobre seus destinos como um filho de uma grande piedade filial que está de luto por seu pai; contudo, quando se empenha pelo caminho que lhe permitirá socorrer a todos os seres vivos, ele se depara com os perigos da água fervente, do fogo, dos males do ferro cortante e do veneno; ele se precipita nos perigos mortais e se regozija ao salvar os outros do perigo. Mas, aqueles que estão resolvidos a vencer as seis obscuridades alcançam uma glória brilhante.

Era uma vez o Buda um homem comum; ele ouvia falar dos nomes do Buda, de suas marcas distintivas primárias e secundárias; da força de sua sabedoria; ele ouvia contar que suas ações meritórias e virtuosas eram muito elevadas; que todos os devas as veneravam; aqueles que tomavam por regra a sua conduta viam todos os males serem aniquilados por elas.

O Bodhisattva, conservando em seu coração este pensamento, soluçava e chorava sem descanso e dizia: “Pudesse eu obter as regras sagradas do Mestre dos Devas para exercitar-me através da recitação e para praticar; a fim de me tornar um Buda e curar todas as doenças dos seres e os fazer voltar à pureza primitiva. Ora, nesse tempo, o Buda estava longe do mundo; não havia a assembleia daqueles que suprimiram seus desejos; ninguém tinha meios de receber as instruções.

Ao redor (de Bodhisattva) se achava um homem comum, cujo caráter era ávido e mau; vendo o ardor com que o Bodhisattva se empenhava na sua resolução de praticar a energia, disse-lhe: “Conheço um parágrafo contendo os três preceitos do Buda; desejais recebê-la (a estrofe)? ” Ao ouvir tais palavras, o Bodhisattva provou uma alegria sem limites, prosternou-se aos pés do outro e ouviu a terra, implorando-lhe os preceitos. Aquele que conhece as estrofes lhe diz: “Eis um ensinamento essencial do **anuttara samyaksambuda**, mestre que guia os devas e os homens. Vindes ouvir sem que nada vos custe, como seria admissível? ”. O Bodhisattva respondeu: “Queira me fazer saber, qual é

a cerimônia religiosa que é necessário observar? ” O outro lhe diz: “Se sois verdadeiramente sincero, em cada um dos buracos do vosso corpo onde haja um pelo, cravai uma agulha; se, quando o sangue cobrir vosso corpo, o vosso coração sofredor nada lamentar, sereis digno de ouvir os veneráveis ensinamentos. ” O Bodhisattva replicou: “Se, para ouvir o Buda, eu devesse morrer, o faria com alegria, quanto mais forte razão não fosse furar meu corpo conservando a vida. ”

Então, ele tomou as agulhas para furar seu próprio corpo; seu sangue brotava como numa pequena fonte; mas, o Bodhisattva feliz com a ideia de ouvir a Lei, tinha alcançado a contemplação, que faz com que não se prove dor. Çakra, soberano dos devas, percebendo o ardor da resolução do Bodhisattva, teve compaixão por ele e, por um milagre, fez com que em cada buraco de seu corpo onde havia um pelo, houvesse uma agulha; o outro homem, ao vê-lo, percebeu claramente a alteza de sua resolução e, então, ele deu este ensinamento: “Vigiai a vossa boca; governai o vosso pensamento; que o vosso corpo não faça o mal; se vos libertardes destas três ações defeituosas, obtereis a sabedoria e sereis salvos. Tal é o ensinamento verídico das defesas (que produzem) a iluminação sem apegos, perfeitamente verdadeira, venerável e correta de forma suprema, de todos os Tathagatas. ” Ao ouvir as defesas, o Bodhisattva regozijou-se e prosternou-se; depois, olhando seu corpo, percebeu que as agulhas haviam desaparecido subitamente; seu rosto era muito bonito e seu vigor maior que antes. Os devas, os homens, os demônios e os nagas estavam todos repletos de alegria; quanto a ele, resolveu progredir e, com nobreza, avançou sem descontinuidade, passo a passo, e, assim, atingiu a dignidade de Buda e pôde socorrer a todos os seres.

O Buda adisse aos bhiksus: “Aquele que ensinou ao Bodhisattva as estrofes é agora Devadata; embora o Devadata tenha conhecido antes dele as estrofes do Buda, era como um homem cego com uma tocha: como ele não podia enxergar, que vantagem havia então? ”

Tal é a maneira pela qual a paramita da vontade ardente do Bodhisattva é enérgica.





**Conto Budista nº 14**  
**O boi marrom de chifres curvos**

*(Trip., XVI,37, p. 57 e 58)*

O Buda disse a assembleia reunida: Tempos atrás havia um homem que possuía um boi marrom. Havia um outro homem que também possuía um boi e para ganhar riquezas, proclamava em alto som uma aposta: “ Se há alguém que tenha um boi mais forte que o meu, eu darei minhas riquezas; se o outro boi for mais fraco, seu dono me dará suas riquezas. ”

Ora, o mestre do boi marrom, tendo ouvido essa proclamação, respondeu que aceitava (a aposta), e assim carregou uma carroça com carga muito pesada, prendendo-o no lado esquerdo do veículo. Por causa de seu aspecto ridículo, as pessoas o chamavam de: “Marrom de chifres curvos!” e batiam nele com uma vara para que ele andasse e assim puxasse a carroça. Como o boi recebia essas injúrias a respeito dele, ele perdeu o sentimento de honra própria e sua força; e não conseguiu puxar a pesada carga numa subida. Seu mestre perdeu então grande parte de suas riquezas.

O homem que havia ganhado a aposta começou em seguida a proclamar: “Se há alguém que tenha um boi mais forte que o meu, eu darei minhas riquezas; se o outro boi for mais fraco, seu dono me dará suas riquezas. ” Nesse momento o boi marrom ouviu o que o homem proclamava e dirigiu-se a seu mestre e disse: “Esse home, por qual razão ele retoma essa aposta? ” Seu mestre respondeu: “É devido sua avidez por riquezas que ele recomeça a fazer essa aposta. ” O boi marrom diz a seu mestre: “ Você pode aceitar o desafio! ” O mestre respondeu: “Eu não posso! E isso é por sua causa, boi ruim! Por sua causa perdi grande parte de minhas riquezas e se agora eu apostar eu perderei integralmente tudo o que possuo. ” O boi disse então ao seu mestre: “Anteriormente, na presença de uma multidão de pessoas, você me tornou ridículo, servindo-se de uma denominação humilhante. Você se dirigiu a mim me chamando de “Marrom de chifres curvos! ” Por esse fato, quando ouvi esse mau nome, eu perdi meu sentimento de honra e minhas forças e me tornei incapaz de levar a pesada carga para o alto da ladeira. Agora eu te dou um conselho, meu mestre: não pronuncie palavras ofensivas. Quando estiver na presença de outros homens, fale assim: “Quando você era um novilho, um espinho entrou em sua pata e tentando remover, seus chifres entraram na terra e por isso seus chifres se tornaram curvos. Agora você é um belo e grande boi marrom, ao nascimento seus chifres eram largos e direitos. ”

O mestre, tendo recebido esse conselho do boi, colocou-se a lavar e escovar os chifres do boi com óleo de gergelim, colocou sobre eles uma coroa de belas flores e prendeu o boi ao lado direito da carroça e disse em tom amável e delicado: “Grande boi marrom, que você tenha felicidade pela grande força e seus largos chifres, siga puxando essa carroça” O boi, por ter ouvido essas palavras em tom amável e delicado, sentiu-se animado pelo sentimento de honra e dotado de força, puxou a carroça até o alto da ladeira. Então o mestre do boi marrom ganhou a aposta o valor de duas ou três vezes maior o valor que havia perdido anteriormente. Quando o mestre do boi ganhou esse grande benefício, ficou muito contente e pronunciou essa estância:

“Quando se colocou uma grande carga e entrando em caminhos profundos, (meu boi) pode seguir com a carga ouvindo a linguagem que usei. Assim, é preciso usar uma linguagem suave, não se deve falar palavras ofensivas. As doces palavras produzem o sentimento de honra e força. Esse boi pode assim. Puxar uma grande carga, e eu ganhei grandes riquezas e meu próprio coração é alegre e contente.”

O Buda disse então para a assembleia; se mesmo os animais podem perder o sentimento de honra e o vigor ao ouvir comentários sobre sua forma exterior quanto mais ainda quando se tratar de homens. ”



## Conto Budista nº 15

### O fruto do Bilva

(Trip., XVI, 9, p. rº 60 vº)

Em tempos passados, nas margens de um rio, havia uma floresta com muitos frutos de *pin-lo* (ou de bilva ou maçã madeira). Nesta floresta, havia seis lebres que lá viviam como boas amigas. Quando um fruto de *pin-lo* amadurecia, caía na água e fazia um ruído. Ouvindo este ruído, as seis lebres de corpo pequeno e de caráter tímido, ficaram imediatamente amedrontadas e correram em todas as direções. Um chacal que as observava, perguntou a razão pela qual aquilo lhes ocorria, e as lebres responderam: “Nós escutamos no rio um barulho estranho, não seria algum animal feroz que quer vir nos matar? É por isto que nós fugimos.” E o chacal foi esconder-se também. E assim fizeram os javalis, os cervos, os búfalos, os elefantes, os lobos, os tigres, os leopardos e mesmo os pequenos leões; eles se interrogaram entre si e obtendo esta resposta, colocaram-se em fuga para se esconderem.

Não longe dali, na ravina de uma montanha, habitava um temível leão-rei. Vendo esta multidão de animais de todos os tipos que fugiam atemorizados, ele lhes disse: “Vocês têm garras, dentes e vigor; o que vocês temem? Por que cada um de vocês está correndo amedrontado?” Todos lhe responderam: “Nós escutamos um ruído inquietante, há algo insólito que é preciso temer; é sem dúvida um animal feroz que vem para nos matar. Eis porque, completamente amedrontados, nós procuramos um lugar tranquilo e solitário.” O leão perguntou: “Em que local este ruído inquietante foi produzido?” Os animais responderam: “Nós também não sabemos onde este ruído foi produzido.” O leão disse: “Se não há um responsável, nenhum de vocês deveria fugir; eu vou fazer uma pesquisa para averiguar o que é este ruído.” Ele perguntou então ao tigre: “De quem você teve esta informação?”

O tigre respondeu: “Eu a recebi do leopardo.” Seguindo assim em seqüência, um após outro, numa série de perguntas, o leão chegou até às lebres que lhe informou: “Este ruído pavoroso, fomos nós mesmas que fomos testemunhas e não alguém que nos disse. Venham todos vocês ao lugar onde se produziu este ruído.”

Então todos os animais seguiram juntos até a floresta de *pin-lo*. As lebres disseram: “Aqui é o local onde o pânico teve início.” E, após poucos minutos, escutaram novamente um fruto caindo na água e fazendo barulho. O leão declarou então: “É um fruto bom para se comer, não há nada nisto que possa vos amedrontar.” Então um deva que estava nos ares, tendo visto o que havia se passado, pronunciou este gâthâ:

*Não se deve acreditar de imediato nas palavras dos outros: -tenham o cuidado de fazer um exame pessoal –e de não ser como a multidão de animais que fogia, tomada pelo terror, na floresta da montanha, -porque o fruto de uma árvore caiu num lago.*



**Conto Budista nº 16**  
**O rei Âdarçamukha, os cegos e o elefante**

*(Trip., VI, 5, p.89 r<sup>o</sup>-v<sup>o</sup>.)*

Assim eu ouvi. Um dia, o Buda encontrava-se no reino de Chö-wei (Sravasti), no bosque de Jeta, no Jardim de Anathapindada. Na hora da refeição, os bikhus pegaram uma tigela de oferendas e encaminharam-se para a cidade para pedir alimento.

Todavia, como ainda não era meio-dia, eles disseram: “E muito cedo ainda para ir à cidade, o melhor é irmos nos sentar um momento na sala de reuniões dos brâmanes heréticos”. Como todos aprovaram esta idéia, seguiram para lá. Após terem trocado cumprimentos de boas vindas com os brâmanes, eles tomaram seus assentos e sentaram-se. Neste momento, os brâmanes discutiam entre eles sobre seus livros santos e surgiu uma contestação que eles não conseguiram resolver e discutiam e censuraram-se, dizendo: “O que nós sabemos é a lei; o que vocês sabem, como pode ser a lei? O que nós sabemos está de acordo com a doutrina; como isto que vocês sabem estaria de acordo com a doutrina? Nossa doutrina deve ser colocada em prática, em vossa doutrina é difícil de se engajar. O que é necessário dizer antes, vocês dizem depois: o que é necessário dizer depois, vocês dizem antes. Em muitas das leis, o que vocês dizem é falso. Como um fardo muito pesado que não se pode levantar; assim é o sentido do que vocês pretendem debater - vocês não podem aplicar. Vossa ciência é vã e vocês não tem o menor conhecimento. Se vos impõe questões, o que tereis a responder? Assim eles agrediam-se uns aos outros com arma da língua e para cada agressão recebida eles cometiam três. Os bikhus, ouvindo os dois partidos injuriarem-se reciprocamente, não aprovaram a palavras de um dos partidos, e não atestaram a exatidão das opiniões do outro partido. E levantaram-se de seus respectivos assentos e retornaram a Chö-wei (Sravasti) para mendigar alimentos. Quando estes já haviam sido recolhidos, eles guardaram os recipientes e retornaram do jardim de Jeta; depois de renderem homenagens ao Buda, eles sentaram-se em fila e lhe contaram tudo o que havia se passado, dizendo: “Nós sabemos que estes brâmanes fizeram esforços para estudar, quando, portanto, deverão compreender a verdade? ”

O Buda disse aos bikkus: “Não é somente na vida presente que os heréticos não são inteligentes e tenebrosos. Oh! bikhus, há muito tempo nesta região de Jambudvipa , havia um rei chamado Face de Espelho (Adarcamukha), ele estudou os livros essenciais do Buda, os conhecimentos eram numerosos como os grãos de areia do Ganges. Quanto à estes assunto; ministros ou indivíduos do povo; em sua maioria, não liam os escritos budistas e tinham consigo livros medíocres. Eles tinham fé na claridade do vaga-lume e colocavam em dúvida o brilho que se projeta do sol e da lua ao longe; o rei se serviu dos cegos para fazer uma apologia, pois ele desejava fazer com que estas pessoas renunciassem a partir para os mares e navegassem no grande mar; ele ordenou portanto aos seus emissários de percorrer o reino para reunir aqueles que eram cegos de nascimento e os levar à porta do palácio; tendo recebido esta ordem, os oficiais reuniram todos os cegos do reino e os fizeram ir ao palácio e depois eles anunciaram que ele haviam encontrado todos os cegos e que estes estavam agora reunidos em uma sala.

O Rei disse “Vá lhes mostrar os elefantes. ” Os oficiais levaram os cegos para junto dos elefantes e lhes mostraram, guiando suas mãos; entre os cegos, um deles tocou a pata

de um elefante, um outro a cauda, um outro a raiz da cauda, outro tocou o ventre, o outro o flanco, um outro o dorso, um outro a orelha, um outro a cabeça, um outro uma presa, um outro a tromba. Os cegos mantendo-se próximos aos elefantes, discutiam de forma tumultuada, cada um deles dizendo que estavam certos e os outros não.

Os oficiais, os levaram agora ao rei e o rei lhes perguntou: “Vocês viram os elefantes?” E eles responderam: “Nós os vimos completamente.” E o Rei perguntou: “À que se assemelha um elefante?” Aquele cego que havia tocado na pata respondeu: “Ó sábio Rei, um elefante é como uma coluna.” Aquele que tocou a cauda disse que o elefante é como uma vassoura; aquele que tocou a raiz da cauda, disse que ele era como um bastão; aquele que tocou o ventre, que ele era como um tambor; aquele que tocou o flanco, que ele era como uma parede; aquele que tocou o dorso, que ele era como uma mesa elevada; aquele que tocou a orelha disse que ele era como um crivo; aquele que tocou a cabeça, que ele era como um grande caldeirão; aquele que tocou uma presa, que ele era como um chifre; quanto aquele que tocou a tromba, ele respondeu: “Ó sábio Rei, o elefante é como uma grossa corda.” E assim, eles estavam discutindo na presença do rei dizendo: “Ó grande rei, o elefante é realmente tal como o descrevi?” O Rei Face de Espelho (Adarçamukha) riu então muito e disse: “Como estes cegos, vós sois, vós todos que não viram os livros budistas.” Depois ele pronunciou este gâthâ:

Agora, vós que sois um grupo de cegos – vós disputeis de forma vã e vós sustentastes dizer a verdade – tendo percebido um ponto, vós dizeis que o resto é falso – e a propósito de um elefante vós questioneis.

Ele acrescentou ainda: “Aqueles que se aplicam ao estudo de livros medíocres que não tenham visto os livros budistas são de uma verdade e de uma exatidão tão vastos, que nada lhes é exterior, estes são como pessoas privadas de olhos.” Então todos, que sejam de condição alta ou de condição baixa, deveriam estudar juntos os livros budistas.

O Buda disse aos bikhus: “O Rei Face de Espelho, sou eu mesmo; quanto às pessoas privadas de visão, são como os brâmanes da sala de conferências; neste tempo as pessoas não tinham sabedoria e por causa de sua cegueira, eles chegavam a discutir; agora quando eles discutem, eles estão também na obscuridade por causa de suas disputas, eles não fazem nenhum progresso.”



## Conto Budista nº 17

### O rei que fez a volta em uma stupa

*(Trip., XIX, 7, p.20 rº)*

Outrora, o rei de um reino, de volta da caça, deu uma volta (pradaksina) numa stupa que ele encontrou e rendeu homenagem aos çramanas. Seus ministros zombaram do fato, mas o rei, que era sábio, fez a eles a seguinte pergunta: “se existe ouro numa marmita, pode-se apanha-lo com a mão na água fervente da marmita” Eles responderam que não se podia. O rei lhes disse: “Poder-se-ia caso se jogasse água fria dentro (da marmita)?”

Os ministros disseram ao rei que se poderia. O rei respondeu: “Em minha conduta de rei, os atos que eu faço caçando são como a água fervente na marmita; mas quando eu queimo perfumes, que eu ascendo as lâmpadas e que eu faço voltas na stupas, é como se eu apanhasse a água fria para jogar na água fervente. Assim, quando se reina, comete-se atos bons e atos maus; como poder-se-ia fazer apenas os maus, sem realizar os bons?”



**Conto Budista nº 18**  
**Sutra do rei passarinho**  
( *Trip.*, VI, 5, p.72vº.)

Em tempos passados, o Bodhisattva era um rei-passarinho; seu coração afetuoso socorria todos os seres e era tão devotado tanto quanto uma mãe amorosa ; quando ele tinha piedade das dificuldades e sofrimentos dos outros, seus sentimentos eram semelhantes aos de um homem que se separa para sempre de seus parentes ; quando ele via a multidão aceitar as ordens de sabedoria, ele se regozijava como em uma satisfação pessoal; ele cuidava dos seres e fazia o bem para eles tal como se apressasse em proteger-se de um ferimento em seu próprio corpo.

Ora, um tigre devorava um animal quando um dos ossos resistia aos seus dentes, ressentia então grandes sofrimentos e estava prestes a morrer. O passarinho, vendo o que acontecia, percebeu a aflição e disse: « Todos os Budas consideraram que o fato de se alimentar (de seres dotados de vida) era um mal. Eles tinham razão. « Ele entrou então na goela (do tigre) e picou o osso com seu bico, a cada dia ele repetia essa tarefa, a boca do passarinho tornou-se ulcerada e seu corpo emagrecido. (Enfim) o osso saiu e o tigre foi aliviado.

O passarinho voou sobre uma árvore e pronunciou as palavras dos livros santos dizendo: « Matar é uma ação perversa, não há mal que seja maior, se o outro (animal) tivesse te matado, você estaria contente? Amar o outro como a si mesmo, tal é a medida que é preciso aplicar aos outros. Mas se você tem uma bondade tão vasta quanto o céu de primavera ; aquele que é bom seu afeto se difunde universalmente, a felicidade o recompensa tal como um eco responde ao som. Quando o malvado prejudica a multidão de seres, o sofrimento o segue tal como uma sombra acompanha (o corpo). Medite sobre minhas palavras. » O tigre, compreendendo que o passarinho estava lhe dando uma advertência, disse bruscamente com irritação: « Você acaba de escapar de minha goela e ainda ousa fazer um longo discurso! » O passarinho, vendo que ele não podia ser convertido, teve pena dele com tristeza, e partiu então voando prontamente.

O Buda disse aos bikhus : « Aquele que era o rei passarinho, era eu mesmo ; o tigre, era Devadata. O Buda (o Revelador) de existência em existência salva a multidão de seres com seu coração benevolente, para liberar os seres dos sofrimentos ele prejudica sua própria pessoa !

Esta é a maneira pela qual a paramita da paciência religiosa do Bodhisattva pratica a paciência contra as injúrias.





## Conto budista nº 19

### O médico que curou o rei deveria possuir tudo o que ele encontrasse

(Trip., XIX, 7, p. 4 rº)

Antigamente, havia um rei de um grande reino, seu corpo havia contraído uma grave doença e durante doze anos ele não pôde ser curado; todos os melhores médicos foram incapazes de cuidar dele. Neste tempo, num pequeno reino da fronteira, que dependia deste grande rei, havia um médico-mestre que sabia muito bem cuidar das doenças. Este rei o fez vir para cuidar de sua doença; ao final de pouco tempo, ele teve a felicidade de livrar-se de seu mal.

O rei pensou então em como poderia recompensar este mestre pelo bem que ele lhe proporcionara; ele enviou, várias vezes, emissários a todo o reino para divulgar suas ordens, dizendo: "O mestre curou, com seus cuidados, a doença do rei; como ele tem um grande mérito, é necessário que se dê recompensa proporcional; que se dê a ele, em abundância, elefantes, cavalos, bigas, bois, carneiros, campos, casas, serviçais, domésticos e todo tipo de magníficos ornamentos. O rei deste pequeno reino, tendo recebido esta ordem promulgada pelo soberano, colocou à disposição uma casa com vários andares; à esposa deste mestre, deu roupas, alimentos, colares de pérolas, adornos e também animais domésticos de todos os tipos em abundância, tais como: elefantes, cavalos, bois e carneiros.

Enquanto o mestre ficou cuidando do rei, ninguém lhe falou nada a este respeito. O mestre dizia para si mesmo: "Eu curei a doença do rei e eu tenho assim muito mérito; mas eu não sei ainda se o rei me recompensará ou não." Tendo passado alguns dias, o rei recuperou sua saúde integralmente; o mestre solicitou uma dispensa para poder retornar ao seu país. O rei consentiu imediatamente e deu-lhe um cavalo magro e um equipamento miserável. O mestre, suspirando profundamente e descontente, dizia a si mesmo: "Tendo curado a doença do rei, eu tive um grande mérito; mas o rei, não reconhecendo o valor do meu benefício, não se deu conta disto e me fez partir de mãos vazias."

Ao longo da estrada, ele abandonou-se à sua tristeza e concebeu uma mágoa perpétua; quando ele chegou ao seu país, ele percebeu uma manada de elefantes e perguntou ao guardião dos elefantes: "De quem são estes elefantes?" O guardião de elefantes respondeu: "São os elefantes de um mestre tal." Ele perguntou ainda ao guardião de elefantes: "E qual é este mestre que possui estes elefantes?" O guardião de elefantes lhe respondeu: "É o tal mestre que os recebeu como recompensa pelo mérito que obteve por curar, com seus cuidados, a doença de um grande rei." Continuando assim a avançar, o médico-mestre viu ao longe uma tropa de cavalos e perguntou ao guardião dos cavalos: "A quem pertence estes cavalos?" O guardião dos cavalos lhe respondeu: "São os cavalos de um mestre tal." Um pouco mais adiante, ele viu um rebanho de bois e carneiros e perguntou ao guardião do rebanho de bois e carneiros: "A quem pertencem estes bois e estes carneiros?" O pastor respondeu: "São os bois e os carneiros de um mestre tal." Um pouco mais a frente, ele avistou a sua própria casa, onde as salas elevadas e os pavilhões com vários andares a diferenciavam de sua casa primitiva, e ele perguntou ao porteiro: "A quem pertence esta habitação?" O porteiro respondeu: "É a habitação de um mestre tal." Ele entrou então nos aposentos internos de sua casa e viu

sua própria esposa, com ar próspero e sorridente, vestida com roupas preciosas; surpreso, ele perguntou: “De quem é esta mulher?” Um serviçal lhe respondeu: “É a esposa de um mestre tal.”

O médico, que desde o momento no qual havia visto os elefantes e os cavalos até aquele no qual havia entrado em sua casa, havia compreendido que todos estes bens lhe foram atribuídos como recompensa pelo mérito que teve ao cuidar da doença do rei, começou então a ter arrependimentos retrospectivos, pensando em quão pequeno tinha sido o seu mérito curando a doença do rei.

Esta parábola se aplica à virtude que proporciona felicidade. A virtude que proporciona felicidade termina no meio das dificuldades, que são como a doença do rei; o médico é comparável ao homem que realiza os atos que proporcionam a felicidade; quando ele cura a doença do rei, ele é comparável ao homem de bem que pode realizar atos que proporcionam felicidade; a cura da doença do rei é como a vitória da virtude que proporciona felicidade; quando o rei publica a ordem de oferecer como presente ao médico os elefantes, os cavalos e os edifícios, isto significa que assim que os atos que proporcionam felicidade acumulam-se de um lado, a recompensa se realiza do outro. Aqueles que esperam serem rapidamente recompensados, sempre reclamam que a retribuição é muito lenta; é por isso que os homens de pouca fé, tão logo tenham realizado uma ação que proporcione felicidade, esperam que a recompensa chegue entre a manhã e a noite; quando a velhice, a doença e a morte chegam, eles dizem que não há naturalmente recompensa excelente; mas quando eles obtêm uma maravilhosa estada nos céus e que as excelentes retribuições lhes chegam, eles são como este médico ao ver os elefantes e os cavalos; graças a esta maravilhosa estada., eles chegam aos palácios celestes; tendo recebido o mistério desta outra vida, seus olhos percebem nas salas celestes todos os tipos de belos espetáculos, então eles compreendem e tem arrependimentos retrospectivos de não ter feito no passado grandes coisas; tal como este médico, que vendo as bens que lhe foram atribuídos, lamentou que o mérito que ele teve ao curar uma doença foi mínimo.



**Conto Budista nº 20**  
**O Bodhisattva e a Tigresa**  
( *Trip., VI, 5, p. 51vº.* )

Certa vez, o Bodhisattva era um asceta desapegado das coisas deste mundo; ele vivia constantemente pelas regiões desertas da montanha. Dedicava-se unicamente a meditar sobre a sabedoria e não cometia nenhum dos atos nocivos. Comia frutas, bebia água e não guardava absolutamente nada. Pensava com altruísmo sobre todos os seres vivos que, por sua ignorância e sua loucura, se perdem; a cada vez que via um deles em perigo, sacrificava sua vida para salvá-lo.

Um dia em que havia ido buscar frutas, encontrou em seu caminho uma tigresa que amamentava seus filhotes. Depois de amamentar, a tigresa ficou esgotada e não tinha nada para comer. Transtornada pela fome, quis voltar e devorar seus próprios filhotes. Ao ver aquilo, o Bodhisattva ficou tomado pela piedade; ele pensou com compaixão sobre todos os seres vivos que padecem ao logo de seus dias no mundo dos sofrimentos infinitos; que uma mãe e seus filhotes se entredevorassem fê-lo sentir uma dor inexprimível; soluçando e suando, virou-se e olhou por todos os lados, em busca de algo que pudesse alimentar a tigresa e salvar, assim, a vida de seus filhotes; mas não viu absolutamente nada.

Ele pensou então consigo mesmo: “O tigre é um animal que come carne.” Depois, refletindo profundamente, disse: “Se eu tomei a resolução de estudar a sabedoria, foi unicamente pelo bem de todos os seres vivos; eles se perdem em sofrimentos terríveis e eu desejo salvá-los, fazer com que obtenham a felicidade e que sua vida seja perpetuamente tranqüila. Para mim, quando, mais tarde, eu morrer de velhice, o agregado de meu corpo deverá ser abandonado; melhor, então, fazer uma doação com altruísmo a fim de socorrer os outros seres e realizar um ato de virtude.” Com isso, lançou a cabeça de uma só vez na garganta da tigresa; se ele lhe ofereceu sua cabeça, era porque desejava agir de forma a que morresse imediatamente e não percebesse o sofrimento. A tigresa e seus filhotes foram assim todos salvos.

Todos os Budas louvaram a virtude (do Bodhisattva) e seu mérito, pelo qual ele se igualava aos maiores santos. Os devas, os nagas, os bons gênios e todos aqueles dotados de sabedoria ficaram comovidos; alguns obtiveram o estágio de Srotâpanna, de Sakrdâgâmin, de Anâgamin, de Arhat ou de Pratyeka Buda <sup>(1)</sup>; houve outros que compreenderam a mente da sabedoria insuperável, correta e verdadeira (anutara bodhi cittopâda) <sup>(2)</sup> e que, graças à sua valiosa resolução, transpuseram os nove kalpas à frente de todos os Bodhisattvas; eles fizeram o juramento de ser, nas cinco impurezas <sup>(3)</sup>, um guia dos devas e dos homens, de salvar todos aqueles que são perversos e fazer com que os hereges se convertam à sabedoria.

Esta é a maneira pela qual, com a parâmita da generosidade, o Bodhisattva pratica o desapego.

1) O primeiro termo denomina aqueles que entraram no caminho da vida santa, os Srotâpannas; o segundo designa aqueles que renasceram uma vez na condição humana e uma vez na condição de deva. A expressão original indica aquele que renasce uma só vez. O termo “Anâgamin” indica aqueles que não devem mais retornar ao mundo do desejo. O termo original “o que tem sozinho o conhecimento das causas” designa os Pratyeka Budas que, tendo compreendido o encadeamento das nidanas, garantem sua liberação individual.

2) Este é o ponto de partida do caminho do Bodhisattva.

3) As cinco impurezas são:

1º - a impureza da longevidade: em tempos antigos, os homens viviam 84 mil anos. Hoje, a vida humana se tornou bem mais curta, e aqueles que atingem a idade de cem anos são raros. Trata-se de um efeito da acumulação de ações negativas; é a isso que se chama a impureza da longevidade.

2º - a impureza de visão: a verdadeira religião desapareceu. A religião das imagens se desenvolveu gradualmente. Depois, as heresias surgiram e as visões heréticas aumentam cada vez mais. É o que se chama de impureza de visão.

3º - a impureza de paixão – os seres vivos têm muitas paixões que, graças às doutrinas heréticas que adotam, perturbam seu coração. É o que se chama de impureza da paixão.

4º - a impureza de criatura: os seres vivos são muito pervertidos; não respeitam mais seus pais e mães e não honram mais seus superiores; não têm mais os sofrimentos que são a retribuição pelas ações negativas; não fazem mais ações meritórias e não observam mais as abstinências. É o que se chama de impureza dos seres.

5º - a impureza do kalpa: dentro de um kalpa de diminuição, quando a duração da vida humana se reduz a trinta anos, a calamidade da fome aparece. Quando essa duração se reduz a vinte anos, a calamidade da peste aparece. Quando a duração se reduz a dez anos, a calamidade das armas de guerra aparecem. Então, todos os seres do mundo perecem. É o que se chama de impureza de kalpa.



**Conto budista nº 21**  
**O leão, o tigre e o chagal.**  
(*Trip., XVI, 3, p. 59 vº -60 rº.*)

O Buda disse aos bhiksus: “Em gerações passadas, aos pés das montanhas nevadas, havia dois animais selvagens; um chamava-se “O Leão-de-Bela-Pelagem” e o segundo “O Tigre-de-Belos-Dentes”; eles formavam um par de bons amigos; eles amavam-se um ao outro e solicitavam reciprocamente suas novidades; às vezes fechando os olhos, eles lambiam os pelos um do outro. Estes dois animais selvagens tinham constantemente à sua disposição carne morna e boa para ser devorada.

Não longe dali, havia um chagal de dupla-fala. O chagal concebeu este pensamento: “O leão de bela pelagem e o tigre de belos dentes fazem um par de bons amigos, eles amam um ao outro, solicitam reciprocamente suas novidades, às vezes fechando os olhos, eles lambem os pêlos um do outro, eles têm constantemente uma carne boa e macia para ser devorada. É preciso eu vá para perto deles para ser o terceiro companheiro.” Quando teve este pensamento, ele seguiu para o local onde encontravam-se o tigre e o leão e lhes disse: “Eu serei com vocês, o terceiro companheiro; vocês permitiriam que eu estivesse junto de vocês?” O leão e o tigre disseram: “Como lhe agradar.”

Como o chagal de dupla-fala podia devorar a carne que os dois animais lhe deixavam, seu corpo tornou-se grande e gordo. Quando se tornou gordo pensou isto: “O leão de bela pelagem e o tigre de belos dentes, formam um par de bons amigos, eles amam um ao outro e solicitam reciprocamente suas novidades; às vezes fechando os olhos, eles lambem o pêlo um do outro. Constantemente eles dispõem de uma boa carne para ser devorada, mas se alguma vez eles não a tiverem, eles não deixarão de me devorar. Não seria mais interessante que eu me antecipasse, imaginando um stratagem para que seus corações se desunam? Quando eles estiverem desunidos, ambos me olharão como seu benfeitor.

Quando ele teve este pensamento, ele foi dizer ao leão: “Você sabia que o tigre de belos dentes tem más intenções contra você?” E ainda falou que o tigre dissera assim: “Se o leão de bela pelagem tem o que comer é somente por meu esforço.” Ele pronunciou esta estância:

Ainda que ele tenha a beleza de sua pelagem e que seja temido pelos homens frágeis e esgotados. Bela-Pelagem não me importa. *Assim disse Belos-Dentes.*

O leão de bela pelagem disse: “Como eu posso reconhecer (que ele tenha más intenções contra mim)?” O chagal de dupla-fala lhe respondeu: “Quando amanhã o tigre de belos dentes vier te ver, se ele fechar os olhos para lamber teus pêlos, você reconhecerá assim que ele tem más intenções.” Tão logo assim falou, seguiu para dizer ao tigre: “. Você sabe que o leão de bela pelagem tem más intenções contra você?” E ele disse: “Se Belos-Dentes tem o que comer, é somente por meu esforço.” Ele pronunciou esta estância:

*Ainda que ele tenha a beleza de seus dentes e que ele seja temido por homens frágeis e esgotados. Belos-Dentes não me importa. Assim disse Bela-Pelagem.*

(O tigre disse): “Como poderia reconhecer (que ele tem má intenções contra mim)?” (O chagal) respondeu: “Quando amanhã, Bela-Pelagem vier te ver, se ele fechar os olhos para lamber teus pelos você reconhecerá desta maneira eu ele tem má intenção.

Os dois bons amigos; um o tigre, concebeu um sentimento de medo e por isto ele foi o primeiro a ir ao local onde o leão estava e disse-lhe: “Você concebeu más intenções à meu respeito. Você disse sim: “Se Belos-Dentes tem o que comer, isto deve-se à mim. ” E ainda mais pronunciou esta estância:

*Ainda que ele tenha a beleza de seus dentes e eu seja temido pelos homens frágeis e esgotados. Belos-Dentes não me importa. Você disse isto?*

O leão falou: “Quem lhe contou isto? ” -“Foi o chagal de dupla-fala” respondeu o outro. Bela-Pelagem perguntou: “Você concebeu más intenções `a meu respeito? ” Você falou assim: “Se Bela-Pelagem tem o que comer, isto ele deve à mim. ” E ainda pronunciou esta estância:

*Ainda que ele tenha a beleza da pelagem e que seja temido por homens frágeis e esgotados. Bela-Pelagem não me importa. Você disse isto?*

“Não. ” Respondeu o tigre. O tigre disse ao leão: “Se você teve esta maldosa fala, nos não podemos mais ser um par de bons amigos. ” Bela-Pelagem disse: “Foi o chagal de dupla-fala que assim falou. Qual a sua idéia? Ele não está contente vivendo conosco? ”

Ele pronunciou assim estas estâncias:

*“Se você acredita nesta má pessoa –então nos seremos desunidos –para sempre nós teremos mágoa por causa disto. A cólera e a lamentação não deixarão jamais o nosso coração. –Todos aqueles que são bons amigos –não se separam por algo que outra pessoa disse; se não acreditarmos no caluniador e desejamos nos desembaraçar dele, é necessário procurar um meio apropriado. – Aqueles que acreditam nos outros e que se separam, –são devorados por eles. Não acreditemos, pois, no Dupla-Fala –e ao contrário, estejamos bem unidos, –Os nossos sentimentos, digamos um ao outro; –nossa consciência será pura e nossos diálogos, amáveis. É necessário que sejamos excelentes amigos, que são unidos um ao outro, como a água é ao leite. –Então este maldoso pequeno animal, desde seu nascimento é naturalmente mau; com sua única cabeça, ele tem dupla-fala; vamos então matá-lo e assim nós seremos bem unidos.*

Tão logo, o tigre e o leão, tendo estabelecido como os fatos realmente se passaram, pegaram juntos o chagal e o partiram em duas partes.

O Buda disse: “Se mesmo os animais, pelo efeito de um animal dissimulado, podem ser privados de tranquilidade e alegria ; não podem ser homens acometidos da mesma maneira, quando isto lhes ocorrer ? ”



## Conto Budista nº 22

### O brâmane que deixou de cuidar de sua vaca por um mês

(Trip., XIX, 7, p. 9 vº)

Havia, antigamente, um brâmane que era muito pobre e que como bem (material), tinha apenas uma vaca. Ordenhando-a, ele obtinha cada dia 12,5 litros de leite, graças a que ele provinha suas necessidades. Ele ouviu dizer que aquele que, no décimo quinto dia do mês, desse de comer a toda uma assembléia de çramanas, obteria assim um ato virtuoso produtor de uma grande felicidade; então ele deixou de ordenhar sua vaca; abstando-se de fazê-lo durante um mês para colher de uma só vez todo o leite, esperava assim obter ( $30 \times 12,5 = 360 \text{ litros}$ ) pelo menos, dos quais ele poderia fazer uma oferenda a uma assembléia de çramanas.

Quando então o mês terminou, ele convidou um grande número de religiosos que vieram a sua casa e ocuparam todo o lugar; o brâmane então foi ordenhar sua vaca, mas não obteve mais que justos 12,5 litros de leite; mesmo não tendo ele ordenhado durante tanto tempo, a quantidade de leite não havia aumentado. Todos o ridicularizaram dizendo: “Ó imbecil, você esperava que, deixando de ordenhar sua vaca diariamente durante um mês, obteria uma tão grande quantidade de leite?”

As pessoas deste mundo agem da mesma forma; quando tem riquezas, eles não sabem fazer liberalidades proporcionais à quantidade que possuem; acumulam durante muito tempo pensando em mostrar-se caridosos quando eles chegarem a ter muito. Mas a impermanência, a água e o fogo atingem seus corpos e mesmo suas vidas e faz que num instante torne-se difícil protegê-los; se eles encontrarem a adversidade, em uma manhã tudo se torna perdido e em vão terão guardado algo. As riquezas colocam em perigo a pessoa humana e são comparáveis a uma serpente venenosa; não se deve apegar a elas com avidez. Eis aí o propósito desta história.



## Conto Budista nº 23

### O tesouro escondido e a serpente venenosa

(Trip. XIX, 7, p.9 v<sup>o</sup>- 10 r<sup>o</sup>)

Outrora o Buda passeava no reino do rei *Pó-sseu-ni* (Prasenajit) quando ele percebeu na terra um tesouro escondido que estava cheio de objetos preciosos. Buda disse a Amanda: “Vê você está serpente venenosa?” Ele respondeu: “Eu a vi.” Ora, um homem seguia o Buda por trás; escutou a conversa deles e foi ver de que se tratava; lá descobriu belas jóias e julgou maldosa a palavra de Buda, pensando que era vã e artificiosa, pois, ainda que estivessem lá verdadeiramente objetos preciosos, por que teria ele dito que era uma serpente venenosa? Imediatamente este homem levou secretamente consigo todas as pessoas de sua família, grandes e pequenos, para transportar estes objetos preciosos; ele tornou-se muito rico.

Alguém foi dizer ao rei: “Aquele homem encontrou por acaso um tesouro precioso e não o entregou aos funcionários.” O rei o fez prisioneiro e o condenou à prisão; ele reclamou seus objetos preciosos que lhe foram com fiados na totalidade; mas o rei, que se recusava a crer de boa fé, começou a submetê-lo a toda sorte de torturas; suas dores eram extremas, mas ele não confessava nada mais; o rei, muito irritado, decidido de fazê-lo perecer, com todos os seus até o sétimo grau de parentesco; transportou-o então para dentro (da prisão para o matar); enquanto isto o rei enviou pessoas para espiar o que ele dizia; ou se ele gritava: A palavra do Buda era uma verdade absoluta; era mesmo uma serpente venenosa, mas eu não acreditei nele; agora sei como explicar a razão pela qual era uma serpente venenosa. Mas se fosse uma serpente venenosa que me tivesse matado, não teria atingido senão a minha pessoa, enquanto que agora são todos os meus até o sétimo grau de parentesco que são também atingidos. Em realidade é bem o que ele disse.

Os enviados vieram relatar tudo isto ao rei; escutando estas palavras o rei ordenou que reconduzissessem a ele este homem e lhe disse: “O Buda é um homem de grande mérito e você pôde se lembrar de uma palavra que ele disse outrora.” Muito satisfeito, o rei lhe devolveu seus objetos preciosos e o deixou partir em liberdade; foi por ter sonhado com uma palavra do Buda que ele pode escapar do perigo de perecer; assim pois, não se deve deixar de sonhar, voluntariamente e de todo seu coração, com as palavras do Buda.





## Conto Budista nº 24

### O tesouro escondido e a serpente venenosa

(Trip. XIX, 7, p.9 v<sup>o</sup>- 10 r<sup>o</sup>)

Outrora o Buda passeava no reino do rei *Pó-sseu-ni* (Prasenajit) quando ele percebeu na terra um tesouro escondido que estava cheio de objetos preciosos. Buda disse a Amanda: “Vê você está serpente venenosa?” Ele respondeu: “Eu a vi.” Ora, um homem seguia o Buda por trás; escutou a conversa deles e foi ver de que se tratava; lá descobriu belas jóias e julgou maldosa a palavra de Buda, pensando que era vã e artificiosa, pois, ainda que estivessem lá verdadeiramente objetos preciosos, por que teria ele dito que era uma serpente venenosa? Imediatamente este homem levou secretamente consigo todas as pessoas de sua família, grandes e pequenos, para transportar estes objetos preciosos; ele tornou-se muito rico.

Alguém foi dizer ao rei: “Aquele homem encontrou por acaso um tesouro precioso e não o entregou aos funcionários.” O rei o fez prisioneiro e o condenou à prisão; ele reclamou seus objetos preciosos que lhe foram com fiados na totalidade; mas o rei, que se recusava a crer de boa fé, começou a submetê-lo a toda sorte de torturas; suas dores eram extremas, mas ele não confessava nada mais; o rei, muito irritado, decidido de fazê-lo perecer, com todos os seus até o sétimo grau de parentesco; transportou-o então para dentro (da prisão para o matar); enquanto isto o rei enviou pessoas para espiar o que ele dizia; ou se ele gritava: A palavra do Buda era uma verdade absoluta; era mesmo uma serpente venenosa, mas eu não acreditei nele; agora sei como explicar a razão pela qual era uma serpente venenosa. Mas se fosse uma serpente venenosa que me tivesse matado, não teria atingido senão a minha pessoa, enquanto que agora são todos os meus até o sétimo grau de parentesco que são também atingidos. Em realidade é bem o que ele disse.

Os enviados vieram relatar tudo isto ao rei; escutando estas palavras o rei ordenou que reconduzisses a ele este homem e lhe disse: “O Buda é um homem de grande mérito e você pôde se lembrar de uma palavra que ele disse outrora.” Muito satisfeito, o rei lhe devolveu seus objetos preciosos e o deixou partir em liberdade; foi por ter sonhado com uma palavra do Buda que ele pode escapar do perigo de perecer; assim pois, não se deve deixar de sonhar, voluntariamente e de todo seu coração, com as palavras do Buda.



**Conto Budista nº 25**  
**À procura das pérolas**  
(*Trip., XIX, 7, p. 14 ro.*)

Ananda disse ao Buda: “O senhor, ó Buda, nasceu em uma família real, permaneceu sentado sob uma árvore e meditou sobre a sabedoria durante seis anos. Obter assim (a dignidade) de Buda é lográ-la facilmente”.

O Buda respondeu a Ananda: “Certa vez, Ananda, havia um senhor proprietário extremamente rico que possuía toda sorte de jóias, mas como não possuía as verdadeiras pérolas vermelhas, não se sentia satisfeito. Levando consigo outros homens, ele foi ao mar para recolher algumas pérolas; após superar vários perigos e obstáculos, conseguiu chegar ao local onde se encontravam as jóias. Ele cortou seu corpo para fazer correr o sangue, o qual colocou em um saco untado com óleo, suspenso no fundo do mar. As ostras, ao sentirem o odor do sangue, vieram sugá-lo. Então ele pôde retirar as ostras e, abrindo-as, fez saírem as pérolas; recolhendo-as dessa maneira durante três anos, ele chegou a formar um colar inteiro.

Quando retornava, ao chegar à margem de um rio, seus companheiros, vendo que trazia jóias preciosas, armaram-lhe uma cilada. Enquanto o seguiam para pegar água, reuniram-se e o atiraram em um poço, que depois cobriram, e partiram. Passado um longo tempo desde que caíra no fundo do poço, o homem percebeu um leão que se aproximava por um orifício lateral para beber água. Ele novamente teve muito medo. Mas, quando o leão partiu, o homem procurou a passagem por onde o animal havia vindo, pôde sair (do poço) e voltar a seu país. Quando seus companheiros retornavam à sua casa, o homem os chamou e disse: “Vocês me roubaram um colar. Ninguém o sabe, nem que vocês também tentaram-me fazer perecer. Devolvam-no em segredo e eu não os denunciarei”. Temerosos, os homens devolveram as pérolas. De posse das jóias, o proprietário levou-as para casa.

Ele tinha dois filhos que brincavam com as pérolas, colocando-as sobre o corpo, e perguntavam um ao outro: “De onde vêm essas pérolas?”. Um deles disse: “Elas vieram do saco que tenho na mão”. O outro disse: “Elas vieram de um jarro que está nesta sala”. Vendo aquilo, o pai começou a rir. Sua esposa lhe perguntou a razão, e ele respondeu: “Recolhi essas pérolas mediante um sofrimento extremo; essas crianças as receberam de mim, não sabem nada dessa história e pensam que as pérolas vieram de um jarro”.

O Buda disse a Ananda: “Você me vê somente após ter-me tornado Buda, mas ignora com que esforço e pena me dediquei ao estudo por incontáveis *kalpas*. Agora cheguei ao objetivo e você pensa que foi fácil, tal como aquelas crianças que pensavam que as pérolas vinham do jarro”.

Assim, podemos atingir o objetivo praticando inúmeras boas ações e acumulando mérito durante muitos *kalpas*, mas não se trata do resultado, nem de um só ato, de uma única ação ou de uma só vida.



**Conto Budista nº 26**  
**Os mercadores que mataram seu guia**  
**para oferecer um sacrifício a uma divindade.**

*(Trip., XXIV, 8 p. 68 vº)*

Outrora havia mercadores que se propuseram ir ao grande mar; ora, a regra para aqueles que vão ao mar é a de que eles não podem partir antes de conseguir um guia; assim, estes mercadores procuraram um guia, e quando o encontraram, partiram com ele. Chegaram a um deserto onde havia o santuário de um deus ao qual era necessário sacrificar um homem para poder passar. Estes mercadores deliberaram entre si e disseram: " Todos aqueles de nossa companhia são amigos; como poderíamos tomar um de nós para matar? Não há senão o guia que possa servir de vítima para o sacrifício ao deus" Eles então mataram o guia e o ofereceram em sacrifício. Mas, quando terminaram o sacrifício ao deus, perderam seu caminho e não sabiam aonde ir; morreram todos de exaustão e fadiga.



## Conto Budista nº 27

### O elefante que imita os bons e os maus exemplos

(*Trip., XV, 8, p.14 rº*)

Antigamente, havia um rei que governava muito bem os homens e os seres e que afastava os odiados inimigos; os cereais de cinco tipos, amadureciam em abundância, o povo era muito feliz, (este rei) era moderado e justo, benfeitor e bom, excelente e virtuoso, dotado de piedade filial e afetuoso, ele praticava a liberalidade e era atento às paramitas, ele estendia seu amor à todos os homens e animais.

Este rei tinha um elefante chamado Corpo-Grande (Ta-Chen), que era mau e difícil de domar, ele espalhava terror próximo e longe de si; neste tempo se nenhum dos diversos reinos inimigos não podia ter um rei, era porque todos aqueles que o haviam atacado, foram por ele destruídos. Quando as pessoas haviam violado as leis do rei, ordenava-se que este elefante o matasse sob suas patas. O rei confiava no poder que tinha com este elefante e nada temia.

Um dia, tendo sido violada a baia deste elefante, este seguiu livre para as cercanias de um vihára; onde viviam os bhiksus que seguiam convenções estritas e uma regra bem ordenada, bem como podia-se ouvi-los recitar os livros santos (onde se havia dito) –que aqueles que matam os seres vivos sofriam penas, mas aqueles que não matam, obtém a felicidade. Quando o elefante, ouviu estas palavras, seu coração suavizou-se.

Neste tempo, havia um criminoso que havia sido condenado à morte, o rei havia ordenado à seus oficiais para convidar este elefante a matá-lo sob suas patas; mas o elefante cheirou com sua tromba o criminoso e não teve nenhum desejo de matá-lo. Aquele que era o responsável pela supervisão da execução, foi dizer ao rei que o elefante, assim que viu o criminoso, começou a cheirá-lo com sua tromba e não teve nenhuma intenção de matá-lo.

Ouvindo isto, o rei ficou muito triste e pediu ao homem que havia vindo lhe dar este informe: “O elefante realmente agiu desta forma? –Sim, é verdade.” Respondeu. O rei convocou seus principais ministros para deliberar com eles acerca deste acontecimento.

Quando os principais ministros foram reunidos, o rei lhes disse: “Se agora, durante meu reinado, ninguém pôde me vencer, foi porque confiei neste elefante. Agora, diante disto que ocorre, o que devemos fazer?” Um de seus principais ministros chamou o homem que cuidava do elefante e perguntou-lhe: “Recentemente, quando a baia do elefante foi violada, onde esteve o elefante?” O homem respondeu: “Ele esteve num vihára.”

Este grande ministro que era inteligente, concluiu que o elefante havia visto os bhiksus, havia ouvido os preceitos dos Livros Santos, seu coração havia sido suavizado e não mais desejava matar seres vivos, Ele mandou o homem que cuidava do elefante que ele instalasse próximo à baia do elefante, casas de jogos, açougues e prisões e que depois o prendesse próximo à estes locais. Este elefante, viu os jogadores agitarem suas mãos, abrindo grandes olhos e falando muito alto; ele viu os açougueiros matarem todos os tipos de seres vivos e viu ainda nas prisões, pessoas submetidas à interrogatórios e torturas e que suplicavam.

Quando o elefante viu tudo isto, os seus maus sentimentos retornaram e quando o rei lhe enviou um criminoso, ele o matou imediatamente sob suas patas. Então os devas pronunciaram este gâthâ:

“Quando um elefante vive uma disciplina e observâncias excelentes, -e quando ele ouve falar de penas e recompensas, - seus bons sentimentos dia e noite aumentam, -e sua conduta malévola pode gradualmente desaparecer. -Mas quando ele se familiariza com práticas malévolas, os sentimentos primitivos reaparecem. -Somente o homem verdadeiramente sábio – não faz que progredir, sem retroceder.



**Conto Budista nº 28**  
**Respeito aos Mais Velhos**

*(Trip., XXXVI, 4, p 76v°)*

Há muito tempo, existiam três amigos – um elefante, um macaco e um pássaro – que viviam perto de uma árvore de ficus de Bengala (Ni-kiu-lu). Eles comentavam entre si: “Devido ao fato nos abrigarmos perto desta árvore, é necessário que nos respeitemos mutuamente”.

O macaco e o pássaro perguntaram ao elefante: “Até onde vão as suas lembranças?” O elefante respondeu: “Lembro-me de que, quando eu era jovem, esta árvore alcançava o meu ventre.” O elefante e o pássaro fizeram a mesma pergunta ao macaco, que respondeu: “Lembro-me de que, quando era jovem, levantando a mão eu alcançava o topo desta árvore.” O elefante disse ao macaco: “Você é mais velho que eu.” O elefante e o macaco perguntaram ao pássaro, que disse: “Lembro-me de que, do lado ocidental das montanhas nevadas, havia um grande ficus de Bengala. Eu comi um fruto dele e vim para cá; é em consequência disso que a árvore nasceu.” Os outros dois disseram: “O pássaro é que é o mais velho”.

O elefante colocou o macaco sobre sua cabeça e o macaco carregou o pássaro sobre as suas costas; andaram juntos no meio dos homens, de aldeia em aldeia e de cidade em cidade, repetindo sempre esta frase: se um homem tem a capacidade de guardar no seu coração a Lei - respeitar aqueles que são mais velhos -, nesta vida será louvado; - no futuro, nascerá nos caminhos excelentes.

O pássaro então pronunciou esta regra: “Quando todos os homens obedecerem a este preceito, o ensinamento da Lei se expandirá.” (O Buda disse...) “Todos vocês que saíram do mundo para adotar a minha doutrina precisam, ainda mais, respeitar-se mutuamente; desta forma, a Lei do Buda se expandirá”. A partir de agora, adaptem-se a isso: “Que o jovem e os velhos se respeitem, se cumprimentem com veneração, que se encontrem e compartilhem as novidades.” Desta forma, os praticantes terão entendido os ensinamentos do Buda, e todos, jovens e velhos, mostrarão o respeito mútuo e a veneração.



**Conto Budista n° 29**  
**A jarra inesgotável**  
*(Trip., XIX, 7, p. 9)*

A pessoa que respeita os preceitos obtém tudo (o que desejar), mas a pessoa que viola os preceitos perde absolutamente tudo. Eis aqui uma história que prova isso:

Havia um homem que fazia constantemente oferendas a um deva. Esse homem era muito pobre e ia a todos os lugares para mendigar alimento. Quando ele havia feito doze anos de oferendas, ele rogou ao deva insistentemente por riqueza e poder, como o coração desse homem era bem resoluto, o deva teve compaixão dele, e, tomando uma forma-corpo invisível perguntou a ele: “O que você deseja? “ Desejo a riqueza e o poder, desejo obter absolutamente tudo o que meu coração desejar. ” O deva deu, então ao homem a jarra mágica e disse: “Tudo o que você desejar sairá dessa jarra. ” O homem pôde graças ao poder de sua fantasia obter, sem falta, tudo que ele desejava. Quando obteve a realização de seus desejos, ele fez aparecer uma bela casa, elefantes, cavalos e carruagens, as sete substancias preciosas o tanto quanto quisesse, e ele mantinha seus hospedes entretidos com tudo o que eles desejassem. Um de seus convidados perguntou: “ Tempos atrás você era pobre, como é que atualmente você obtém tantas riquezas? ” Ele respondeu “ Obtive uma jarra celeste, do interior dessa jarra saem todos os tipos de objetos que eu desejar, é por isso que sou rico a tal ponto. ” Os convidados pediram, então, para o homem trazer a jarra para mostrar a eles como a jarra fazia sair dela todo tipo de objeto. Com confiança o homem pegou a jarra e foi dançar, mas, como ele não a segurava com firmeza, a jarra escapou de suas mãos e se quebrou, no mesmo instante todos objetos que haviam saído dela desapareceram.

Para a pessoa que respeita os preceitos, não há nada que ela não obtenha, se assim o desejar. Mas quando a pessoa viola os preceitos, deixando-se levar pelo orgulho e outras paixões, é semelhante ao homem que quebrou a jarra e perdeu todas as suas riquezas.

Assim, aquele que deseja as felicidades dos devas e a alegria do nirvana deve respeitar de forma firme os preceitos e não os violar de forma alguma, quando os tiver aceitado. Se ele violar os preceitos após os ter aceitado, ele cairá eternamente nos três maus destinos e passará por sofrimentos. A pessoa que deseja ser recompensada deve constantemente exercer seu coração no bem sem jamais se interromper. Quando sua vida terminar, ele poderá afastar todos os males e receber a recompensa do fruto excelente. Essa é a razão pela qual se deve exercer constantemente no bem. Se, anteriormente, ele não exerceu seu coração no bem, e pensar em tornar seu coração excelente nesse instante (da morte). Isso absolutamente não ocorrerá.



**Conto Budista nº 30**  
**O homem no poço**  
(*Trip.*, XIX, 7, p. 10)

Todos os seres sencientes, apegando-se com avidez as alegrias desse mundo, não refletem sobre a impermanência e não consideram com terríveis os maiores males.

Eis aqui uma história que ilustra isso:

Tempos atrás um homem havia sido condenado à morte por algo qualquer. Como ele estava preso na prisão, ele temia morrer e pensou em fugir. De acordo com as leis do reino, quando um condenado a morte escapa, deixava-se um elefante furioso matá-lo pisoteando com suas patas. Soltaram então o elefante furioso para ir atrás desse criminoso. Este, por sua vez, vendo que o elefante iria alcançá-lo correu e enfiou-se em um poço muito profundo, no qual no fundo havia um dragão venenoso que girava para o alto sua grande goela aberta. Havia também quatro serpentes venenosas nos quatro cantos do poço. O condenado segurou então em uma raiz pendente e tentava subir com todas suas forças, mas dois ratos brancos roíam essa raiz.

Acima do poço, havia uma grande árvore onde havia mel, no espaço de um dia, somente uma gota caía na boca do condenado. Quando esse homem obteve essa única gota, ele só pensava no mel e não se preocupava com os males de todos os tipos que o cercava. E até mesmo desejou nunca mais sair do poço.

Assim o Buda contou essa história: a prisão representa os três mundos onde estão presos todos os seres sencientes; o elefante furioso representa a impermanência; o poço representa o local onde vivem todos os seres sencientes; o dragão venenoso que se encontra no fundo representa os infernos; as quatro serpentes venenosas representam os quatro elementos (com os quais os seres humanos são compostos); a raiz representa a haste da vida humana; os ratos brancos representam o sol e a lua que devoram a vida humana de forma que a cada dia ela se abrevia sem nenhuma trégua. Entretanto todos os seres sencientes apegam-se com avidez as alegrias desse mundo e não pensam nos grandes males. É por isso que o homem que respeita os preceitos deve considerar a impermanência para que possa se liberar da infinidade de sofrimentos.





## **Dedicatória**

Graças a esse mérito, tendo obtido a onisciência e vencido os inimigos que são as máculas, possa eu liberar todos os seres do oceano do samsara, agitado pelas ondas de nascimento, velhice e morte.

Conforme todo o conhecimento do corajosos Manjushiri, do mesmo modo que Samanthabhadra e seguindo seus passos, eu dedico perfeitamente todas essas virtudes. Por essa virtude, possam todos os seres completar a acumulação de mérito e de sabedoria e possam eles rapidamente obter os dois Corpos santos do Buda.

Pela graça do Buda que obtive os Três Corpos,  
Pela graça da imutável verdade do Dharma,  
Pela graça da infalível aspiração da Sangha,  
Possa essa súplica de dedicatória realizar-se tal como ela é.



